

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

DANIEL ALVES FELICIANO

**AVALIAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA COMO FATOR DE SOCIALIZAÇÃO COM
DEFICIENTES AUDITIVOS A PARTIR DO TESTE SOCIOMÉTRICO DE JACOB
LEVY MORENO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de mestre em Ciências da Saúde,
Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde,
Universidade de Brasília - UnB.

Orientador: Prof. Dr. RAMÓN FABIAN ALONSO LÓPEZ

BRASÍLIA
2010

DANIEL ALVES FELICIANO

**AVALIAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA COMO FATOR DE SOCIALIZAÇÃO COM
DEFICIENTES AUDITIVOS A PARTIR DO TESTE SOCIOMÉTRICO DE JACOB
LEVY MORENO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de mestre em Ciências da Saúde,
Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde,
Universidade de Brasília - UnB.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Ramón Fabian Alonso López
Universidade de Brasília – UnB

Dr. Demóstenes Moreira
Universidade de Brasília – UnB

Dr^a Maria de Fátima Rodrigues da Silva
Universidade de Brasília - UnB

Dedico aos meus pais, José Alves Feliciano e Adelice Henrique Feliciano, pelo carinho e dedicação, pelo apoio incessante para a minha educação e fazendo com que me torne uma pessoa honesta e temente a Deus.

Aos meus filhos, Jordanna e Daniel Henrique, pela inspiração e busca dentro do saber.

Aos meus irmãos Dário, Diná, Débora e Daniela, pelo companherismo absoluto.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por mais esta realização, e por ter me concedido força e fé para encarar, de forma natural, todos os obstáculos apresentados no decorrer deste trabalho.

Ao Professor, Paulo Eustáquio Resende Nascimento, pelo apoio e por acreditar em mim.

Ao meu orientador, Professor Dr. Ramón F. Alonso López, pela paciência e apoio na realização deste trabalho.

À Professora, Patrícia Alves Pinto.

À Associação de Surdos de Rio Verde, pela humildade de cada integrante e colaboração na realização desta pesquisa.

Ao Centro de Excelência Ermones Garcia, por ceder o espaço para concretização deste estudo.

À Primeira Igreja Evangélica Batista em Rio Verde, pela comunhão e as orações dos irmãos.

Aos meus familiares e amigos que, de forma direta, participaram, incessantemente, desta importante etapa da minha carreira.

HOMENAGEM

Ao professor, Dr. Hiram Mario Valdés Casal (in-memorian), pelo início desta jornada e credibilidade à minha pesquisa. Muito obrigado!

RESUMO

Quando aproximamos de uma praça de esportes, é normal a presença de jovens e adolescentes praticando alguma modalidade esportiva, seja coletiva ou individualmente. Este trabalho teve como objetivo avaliar os efeitos da atividade esportiva como recurso de interação entre um grupo de deficientes auditivos com um de pessoas ouvintes, em quatro partidas de futsal, mediante a quantificação do número de passes e escolha do líder. Para o desenvolvimento do tema, foi realizada uma pesquisa de campo, com intervenção que constitui na avaliação de jovens masculinos ouvintes e não ouvintes, variando entre 16 e 30 anos, com média de idade de 23,6 anos ($\pm 5,0$). Todos os sujeitos pesquisados são solteiros, estudantes e residentes na cidade de Rio Verde-GO. O teste sociométrico foi aplicado para escolher um possível líder antes e depois dos jogos para cada participante ouvinte e não ouvinte que não tiveram nenhum contato, anteriormente, antes da pesquisa. Durante as atividades, notamos o desenvolvimento gradativo dos integrantes, aumentando o número de passes entre ouvintes e DAs. Na primeira atividade, constatou, no geral, com 118 passes e, na última, com 254, assim, a diferença de percentual entre a primeira e última foi significativa, com diferença de 115% de aumento no número de passes. Para calcular o aproveitamento do número de passes, durante as partidas, foi utilizada a ANOVA, a um nível de significação de $P < 0,05$, foi alcançado o resultado de $P = 0,066$. Concluí-se que, após a avaliação de desempenho dos DAs e ouvintes nas atividades realizadas, ficou comprovada a importância da atividade desportiva, nesse caso representada pelo futsal e, sobretudo, a participação na socialização, dando mais qualidade e motivação de vida aos integrantes do grupo. Nesse contexto, destaca-se a importância da inclusão social dos deficientes auditivos e, através das atividades esportivas realizadas, foi possível constatar resultados positivos sobre o desempenho e integração dos mesmos, comprovando, com isso, a capacidade que eles têm para desenvolver aptidões e adequar-se ao ambiente em que estão inseridos.

Palavras-chave: Deficiente auditivo, esporte, futsal, socialização.

ABSTRACT

When approaching a sports arena, it is normal to have children and young people practicing some sport, either collectively or individually. The main objective of this assignment is to evaluate the effects of the sport activity to the interaction among a group of people that presents hearing deficiency with a group of listener people in four matches of a five-a-side football through the quantity of the number of passes and the choice of the leader. It was achieved a field work, with intervention that constitutes in the evaluation of young listener and not listener among 16 and 30 years old with the average year 23; 6 years (± 50). All of them single and students resident in Rio Verde – GO. It was applied a sociometrical test in order to choose a possible leader before and after the championship to each one listener or not listener participant that didn't obtain any contact before the survey. In the activities, observed the gradual development of the members increasing the number of passes between listeners and DAS. At the first activity that consists in general with 118 passes and in the last one with 254, so, the percentual difference between the first and the last was significant with a difference of 115% of increasing the number of passes. Evaluating the recovery of the number of the passes during the game ANOVA was used at a significance level of $P < 0.05$, the result was reached $P = 0.066$. In conclusion, we know that after the performance evaluation of DAs and listeners in the activities, it was proven the importance of sport activity, in this case represented by five-a-side football, and especially participation in socialization, motivation and higher quality of life for members of group. In this context, we highlight the importance of social inclusion of deaf people, and through sporting activities undertaken, it was possible to see positive results on the performance and integration of these, proving thereby that they have the ability to develop skills and adapt to the environment in which they live.

Key Words: Hearing impaired, sport, soccer, socialization.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADRO	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 ASPECTOS CLÍNICOS.....	16
2.1.1 Estrutura e fisiologia do ouvido humano	16
2.1.2 Deficiente auditivo e surdo.....	18
2.1.3 Breve evolução histórica.....	19
2.1.4 Causas.....	20
2.1.5 Tipos de surdez.....	20
2.1.6 Classificação das perdas auditivas.....	21
2.1.7 Estatística de incidência da surdez.....	22
2.2 A INCLUSÃO SOCIAL	23
2.2.1 Contexto histórico da inclusão.....	23
2.2.2 Inclusão e o processo pedagógico... ..	27
2.3 A ATIVIDADE PRÁTICA ESPORTIVA ADAPTADA.....	29
2.3.1 O esporte como meio de socialização.....	29
2.3.2 Breve histórico do esporte adaptado para surdos	30
2.3.3 Prática esportiva no deficiente auditivo.....	32
2.3.4 O esporte para pessoas com deficiência auditiva.....	33
2.4 SOCIOMETRIA.....	35
3 OBJETIVOS	38
3.1 Geral	38
3.2 Específico	38
4 Hipóteses	39
5 MATERIAIS E MÉTODOS	40
5.1 Classificação da pesquisa	40
5.2 Local.....	40
5.3 População e Amostragem.....	40
5.4 Critérios de inclusão.....	41

5.5 Critério de exclusão.....	41
5.6 Materiais e instrumentos de coleta de dados	42
5.7 Procedimento	43
5.8 Processamento estatístico	44
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	45
6.1 Teste sociométrico pré-campeonato	45
6.2 Análise do desempenho pela frequência dos passes.....	52
7 CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
ANEXOS.....	63

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Incidências de surdez.....	23
---------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Estrutura do ouvido e suas principais dependências	16
Figura 2 -	Velocidade da propagação de uma onda sonora	17
Figura 3 -	Sociograma teste sociométrico relacionado na escolha do ouvinte ao possível líder DA no período pré e pós-campeonato.....	45
Figura 4 -	Sociograma de teste sociométrico relacionado na escolha do DA ao possível líder ouvinte no período pré e pós-campeonato.....	46
Figura 5 -	Rejeição dos ouvintes em relação aos DA's no teste sociométrico no período pré e pós-campeonato.....	48
Figura 6 -	Rejeição dos DAs em relação aos ouvintes no teste sociométrico no período pré e pós-campeonato.....	49
Figura 7 -	Escolha indiferente para os Ouvintes em relação aos DAs no teste sociométrico no período pré e pós-campeonato.....	50
Figura 8 -	Escolha indiferente para os DA's em relação aos ouvintes no teste sociométrico no período pré e pós-campeonato.....	51
Figura 9 -	Contagem geral de passes nos jogos.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Classificação dos graus de perdas auditivas em decibéis (dB).....	21
Tabela 2-	Características dos graus de perdas auditivas.....	22
Tabela 3-	Número de passes durante o primeiro jogo.....	52
Tabela 4-	Número de passes durante o segundo jogo.....	53
Tabela 5-	Número de passes durante o terceiro jogo.....	53
Tabela 6-	Número de passes durante o quarto jogo.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

% -	Porcentagem
AAAD -	American Athletic Association for the Deaf
ANOVA -	Analysis of Variance
APAES -	Associação de Pais e amigos de alunos especiais.
CISS -	Comitê Internacional de Esportes para Surdos
CBDS -	Confederação Brasileira de Desportos para Surdos
dB -	Decibéis
$C = \sqrt{(g r_0)/r}$ -	Equação de velocidade de propagação de onda sonora
Cm/seg -	Centímetro por segundo
g -	Rácio de temperatura
Hz -	Hertz
IPC -	Comitê Paraolímpico Internacional
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS -	Língua Brasileira de Sinais
OMS -	Organização Mundial da Saúde
ONU -	Organização das Nações Unidas
p_0 -	p_0 = pressão estática no gás
r -	Densidade do gás
SNC -	Sistema Nervoso Central
SISVAR -	Software utilizado
UCIN -	Unidades de Cuidados Intensivos Neo-natais
UTI -	Unidade de Terapia Intensiva
WGD -	Word Games for the Deaf

1 INTRODUÇÃO

Existem muitas discussões sobre os meios de levar mais informações acerca do valor da prática esportiva para a saúde e qualidade de vida da população em geral. No Brasil, as tentativas de implantar espaços adequados para a prática da atividade motora adaptada para crianças e jovens com deficiência são recentes.

Quando aproximamos de uma praça de esportes, é fácil observar o grande número de jovens e adolescentes praticando algum esporte, seja ele coletivo ou individual. No entanto, hoje, é muito comum ver jovens com algum tipo de deficiência, praticando ou tentando socializar-se com os demais. Mas, uma grande barreira que os impede é a falta de intercâmbio social. Citamos, aqui, o deficiente auditivo que, pela falta de comunicação em sinais com os ouvintes, dificultam-lhes esse intercâmbio.

Dentro da filosofia em que se fundamentam os direitos humanos, é evidente que todos devem ter as mesmas oportunidades de aprender e de desenvolver suas capacidades, para assim, alcançar a independência social e econômica, bem como poder integrar-se plenamente na vida comunitária.

Por essa razão, as mesmas oportunidades oferecidas pela sociedade às pessoas consideradas como “normais” devem ser extensivas aos educandos especiais, assim como aos que apresentam problemas específicos de aprendizado escolar.

Esse direito, que se estende a essas pessoas, vem constituindo um desafio à sociedade e aos seus sistemas educacionais. Isso se explica pelo fato de que os deficientes auditivos, via de regra, não possuem condições para usufruir integralmente das oportunidades de educação concedidas aos demais, necessitando, por essa razão, de meios especializados que lhes permitam aproveitar adequadamente desses recursos.

A mudança, na verdade, veio com a própria evolução da sociedade com as indiscutíveis conquistas dos deficientes auditivos, tanto no campo profissional, esportivo e familiar. Encontramos um considerável número de deficientes auditivos, praticando futsal como lazer ou parte de um treinamento. Uma quantidade crescente de deficientes auditivos atletas tem implantado em sua rotina de treinos a participação de atletas ouvintes. Os padrões de treinamentos evoluíram e equipes

bem preparadas física e taticamente não são atributos somente para atletas ouvintes. Observa-se nos encontros de associações de surdos atletas bem instruídos desenvolvendo um trabalho bem planejado e buscando a sua limitação e, acima de tudo, conquistando os seus objetivos.

Por esse motivo, torna-se evidente que as instituições educacionais e esportivas devem contar com meios apropriados e ser suficientemente flexíveis, para facilitar a tais educandos pleno desenvolvimento e real integração social na comunidade em que vive. Pois é, possível integrar essas crianças ao grupo, respeitando suas limitações e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes oportunidades para que possam desenvolver suas potencialidades.

Algumas pessoas acreditam que todo indivíduo portador de deficiência auditiva é incapaz e limitado, por isso não exploram o potencial do mesmo, sendo consideradas como pessoas que não podem ser educadas dentro do sistema – padrão utilizado por crianças ditas “normais”, pois dependerá do grau de diferença. Assim, o portador de deficiência auditiva acaba sendo visto pela escola como um ser sem oportunidades de ter um convívio social “normal”.

A proposta feita na elaboração deste estudo foi basicamente a investigação da socialização entre deficientes auditivos e atletas ouvintes, através do esporte, em particular, o futsal. Ao que cabe aos deficientes auditivos outra preocupação, além da questão social, também a importância da atividade física e esportiva, não apenas subjugada à integração, mas fundamentada a conquista da cidadania.

O pesquisador, pelo fato de ser um profissional da educação física e conhecedor da língua de sinais, não encontrou dificuldades para se comunicar e esclarecer os objetivos desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos Clínicos

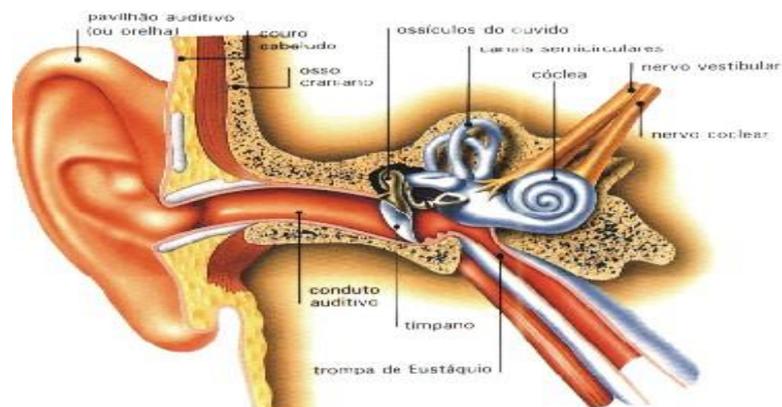
2.1.1 Estrutura e fisiologia do ouvido humano

O ouvido é o órgão que tem a função de receber os sons e levá-los ao cérebro para serem interpretados. Sua estrutura é constituída de três partes básicas - o ouvido externo, o ouvido médio e o ouvido interno, cada uma apresentando funções diferentes⁽¹⁾:

- Ouvido externo: O ouvido externo é composto pelo pavilhão auricular, pelo conduto auditivo, pela membrana timpânica e por diversos meios de proteção física (glândulas produtoras de cerúmen, pêlos e o próprio pavilhão auricular). A função do ouvido externo é captar o som e conduzi-lo, por um canal, ao ouvido médio.

- Ouvido médio: é composto pela membrana timpânica e por três pequenos ossos interconectados: o martelo, a bigorna e o estribo. Esses ossos estão em contato com a membrana timpânica e com o ouvido interno, servindo para transmitir as vibrações sonoras que entram no ouvido externo que precisam ser conduzidas ao ouvido interno.

- Ouvido interno: O ouvido interno apresenta uma forma semelhante à de um caracol. Tem como função receber as ondas sonoras conduzidas pelos ouvidos externo e médio e enviá-las ao córtex cerebral através do nervo coclear.



Fonte: disponível em sistauditivo.blogspot.com/

Figura 1 - Estrutura do ouvido e suas principais dependências

A onda sonora viaja com uma velocidade finita e bem definida. A velocidade de propagação, em cm/seg de uma onda sonora num gás é de:

$$C = \text{sqr}[(g r_0)/r]$$

Com g = rácio de temperatura específico para cada gás (1.4 para o ar).

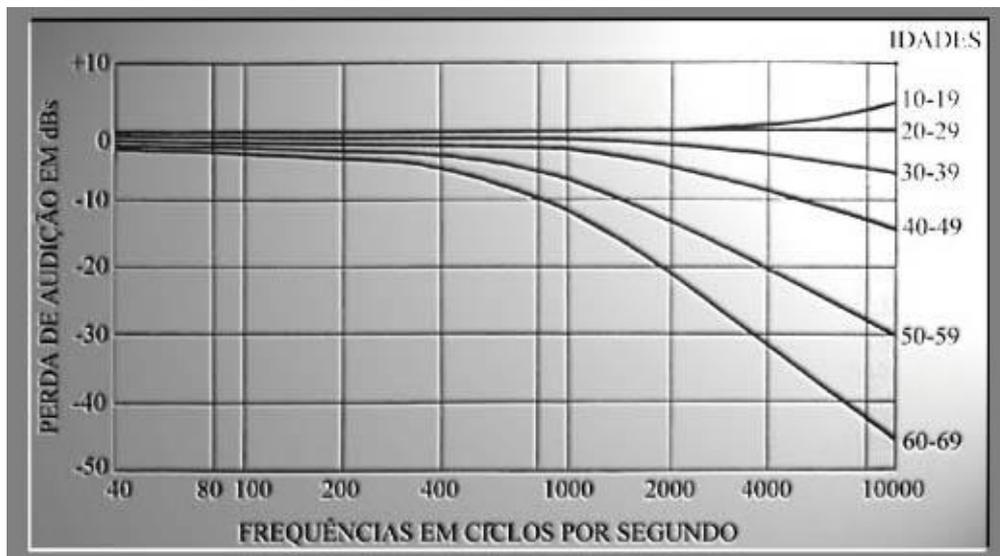
p_0 = pressão estática no gás, em dines por cm^2 .

r = densidade do gás em gramas por cm^2 .

Quando a pressão sobe, também a densidade sobe, deixando a velocidade constante. A velocidade pode então ser expressa em termos de temperatura:

$$C = 33,100 \text{ sqr} (1+0.00366t)$$

Com t = temperatura em graus centígrados.



Fonte: www.citi.pt

Figura 2 - Velocidade da propagação de uma onda sonora.

À transmissão do som através do osso: como o ouvido interno, a cóclea – está incluído numa cavidade óssea dentro do osso temporal chamada de labirinto ósseo, vibrações de todo o crânio podem causar vibrações na própria cóclea. Portanto, em condições apropriadas, um diapasão ou um vibrador eletrônico colocado sobre qualquer protuberância óssea do crânio, mas, especialmente, sobre o processo mastóideo, faz com que a pessoa escute o som⁽²⁾.

O ouvido interno é o encarregado de realizar a transformação entre a energia mecânica da onda sonora e uma forma de energia (biológica, de base

eletroquímica) capaz de ser transmitida pelas fibras nervosas que, através do nervo auditivo, levarão a informação para ser processada pelas áreas correspondentes do Sistema Nervoso Central (SNC). A orelha externa recebe as ondas sonoras ou sons e os transmite para o tímpano, na orelha média, que vibra e transforma estes sons em vibração mecânica, com ajuda dos ossículos: martelo, bigorna e estribo. Esta vibração mecânica é enviada para a orelha interna, que contém células repletas de cílios, cujas células estão imersas em um líquido. Em seguida ocorre a transformação da vibração mecânica em impulsos elétricos, que percorrem o nervo auditivo na direção do cérebro, que os reconhecem como "sons"⁽³⁾.

No percurso da onda sonora ao cérebro, pode ocorrer algum problema e não haver o reconhecimento deste "som". Se houver alteração do tímpano, como perfuração causada por infecções ou malformação dos ossículos, chama-se perda condutiva. Se a alteração for ao nível da orelha interna, há a perda sensorial, relacionada com as células com cílios que podem estar destruídas, assim como o nervo auditivo afetado, casos estes em que não há regeneração das células, sendo necessário, portanto, o auxílio de um aparelho auditivo⁽³⁾.

2.1.2 Deficiente auditivo e surdo

As pessoas com deficiência têm direito inerente ao respeito por sua dignidade humana. As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade, o que implica antes de tudo, no direito de desfrutar uma vida decente, tão normal e plena quanto possível⁽⁴⁾.

Deficientes Auditivos são as pessoas que têm perda total ou parcial da capacidade de conduzir ou perceber sinais sonoros. Não se deve considerar que todas as pessoas portadoras de deficiência auditiva sejam surdas⁽⁵⁾. (p.56).

Deficiência auditiva é a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido, e manifesta-se em dois tipos: surdez leve/moderada, quando ocorre a perda auditiva de até 70 decibéis, que dificulta, mas não impede o indivíduo de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana, com ou sem a utilização de um aparelho auditivo; e a surdez severa/profunda que ocorre quando há perda auditiva acima de 70 decibéis,

impedindo o indivíduo de entender, com ou sem aparelho auditivo, a voz humana, bem como de adquirir, naturalmente, o código da língua oral⁽⁶⁾.

A perda de audição não é de forma alguma linear; aumenta com a frequência. Algumas sensações auditivas mantêm-se até mais tarde, devido à sua natureza. Outras, como o timbre, deterioram-se facilmente com a idade⁽⁶⁾.

A Surdez Infantil Bilateral Permanente é outra forma de surdez que é definida como uma perda auditiva bilateral, caracterizada por limiares auditiva superior a 40 Decibéis (dB) no melhor ouvido, considerando as frequências de 500, 1000, 2000 e 4000 Hz, sem recurso a prótese auditiva⁽⁷⁾.

2.1.3 Breve Evolução histórica da surdez

No período anterior a 1750, a vida das pessoas que possuíam surdez pré-lingüística era uma calamidade, prejudicada pela incapacidade de desenvolver a fala, pela impossibilidade de comunicação e por não manter contato com pessoas que tinham problemas semelhantes. Eram forçadas a fazer trabalhos desprezíveis, vivendo isoladas, geralmente à beira da miséria e consideradas, muitas vezes, ineducáveis, devido à relevância dada à palavra e à audição, sendo, assim, consideradas incapacitadas pela lei e pela sociedade. Para a grande maioria, cerca de 99,9% dos natissurdos, não existia esperança de alfabetização ou educação. Porém, alguns surdos de famílias nobres, no século XVI, aprenderam a falar e a ler para receber reconhecimento como pessoas da lei e conseguir títulos e herança da família. Educadores ouvintes, como Pedro Ponce de León (da Espanha), os Braidwoods (da Grã-Bretanha), Amman (da Holanda), Pereire e Deschamps (da França) ensinaram alguns surdos a falar⁽⁸⁾⁽⁹⁾.

As condições de sobrevivência dos surdos, naquela época, despertaram interesse em alguns filósofos, que levantaram algumas questões: Por que a pessoa surda sem instrução é isolada na natureza e incapaz de comunicar-se com os outros homens? Por que ela está reduzida a esse estado de imbecilidade? Será que sua constituição biológica difere da nossa? Será que ela não possui tudo de que precisa para ter sensações, adquirir idéias e combiná-las para fazer tudo o que fazemos? Será que não recebe impressões sensoriais dos objetos como nós recebemos? Não serão essas, como ocorre conosco, a causa das sensações da mente e das idéias

que a mente adquire? Por que então a pessoa surda permanece estúpida enquanto nos tornamos inteligentes? ⁽⁸⁾⁽⁹⁾.

2.1.4 Causas

Pelo que se constata da doutrina médica, a surdez pode ser congênita, que apresenta causas endógenas, ou seja, heranças genéticas no momento da concepção, ou exógenas, que não são ocasionadas por fatores hereditários, mas por outros fatores externos que provocam alteração no meio intra-uterino, especialmente, nos três primeiros meses de gravidez; e pode ser também adquirida, por doença extrema (quer interior ao ouvido, quer completamente alheia a esta, mas, afetando-o de alguma forma) ou por acidente (com danos a alguma parte do ouvido). No entanto, a maior causa de perda de audição ou surdez é a senilidade ⁽⁹⁾.

2.1.5 Tipos de surdez

Os tipos de surdez são classificados em: Deficiência de Condução, Deficiência Sensório-Neural, Deficiência Mista e Deficiência Central ⁽¹⁰⁾.

A deficiência de condução é definida como alterações, do ouvido médio ou externo, que impedem ou dificultam a passagem das vibrações sonoras para o ouvido interno. Os fatores causadores são muitas vezes provocados por obstrução tubária, otites agudas ou recidivantes e má-formação do pavilhão da orelha.

A deficiência sensório-neural é também chamada de surdez de percepção, nervosa ou do ouvido interno. Originada no ouvido interno, no órgão de Corti e no nervo auditivo. As principais causas são por doenças ou má-formação de origem hereditária, mas também pode ser provocada por traumas ou exposições do ouvido à poluição sonora.

A deficiência mista apresenta lesões ou alterações dos ouvidos médio e interno associados, ocasionado a não condução do som até o órgão terminal sensorial.

Já a deficiência central, é causada pelo mau desenvolvimento das vias auditivas do sistema nervoso central. Provocando dificuldades na compreensão de informações sonoras por parte do indivíduo afetado.

2.1.6 Classificação das perdas auditivas

O som é caracterizado através da frequência, da amplitude e do timbre. Dessa forma, costuma-se medir a audição entre as frequências de 250 a 8.000 Hertz (Hz) e os limites de amplitude de 0 a 110 decibéis (dB). Geralmente, é nas frequências de 500, 1.000 e 2.000 Hz que se realizam os testes de avaliação da audição⁽¹⁰⁾ (p. 26).

A Surdez Infantil Bilateral Permanente é definida como uma perda auditiva bilateral, caracterizada por limiares auditivos superiores a 40 Decibéis (dB) no melhor ouvido, considerando as frequências de 500, 1000, 2000 e 4000 Hz, sem recurso a prótese auditiva. A perda auditiva pode ser classificada quanto ao seu grau, à data do seu aparecimento e ao nível da lesão auditiva⁽⁷⁾.

Na literatura, encontra-se variados níveis para classificar os graus de perda auditiva. O grau de perda auditiva pode ser classificado em⁽⁹⁾:

Tabela 1 - Classificação dos Graus de perdas auditivas em decibéis (dB)

CLASSIFICAÇÃO	Db (Decibéis)
Limites normais	0 a 25
Perda leve	26 a 40
Perda moderada	41 a 70
Perda severa	71 a 90
Perda profunda	Acima de 90

Na tabela 2, a seguir, estão relacionadas as características quanto ao grau de perda auditiva⁽⁹⁾.

Tabela 2 - Características dos graus de perdas auditivas

Perca Auditiva em Db	Características
Leve 20 a 40 dB	Apresentam dificuldades para perceberem todos os sons. Embora consigam adquirir linguagem naturalmente, no início da aprendizagem, podem confundir alguns fonemas e trocar as letras que têm sons semelhantes.
Média ou Moderada 40 a 70 dB	Apresentam dificuldades em compreenderem frases complexas, e que, ainda, para compreenderem a fala, necessitam de uma voz forte. Apresentam, também, atraso de linguagem e alterações na articulação das palavras.
Profunda superior a 90 Db	Por não possuírem informações auditivas, não identificam a voz humana e não adquirem fala para se comunicarem.

2.1.7 Estatística de incidência da surdez

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 10% da população total apresente algum tipo de limitação, sendo que 1,5% apresentam limitações auditivas. Desde um déficit leve até a surdez total. Quanto à surdez severa e profunda, que desabilita a pessoa de uma vida normal, isso varia muito de país para país. Nos países desenvolvidos 1 a cada 1000 indivíduos é afetado, em países subdesenvolvidos este número pode chegar a 4 em cada 1000 habitantes. Os dados da primeira amostra do Censo 2000 demonstram que o Brasil possui uma população de 169,8 milhões de habitantes, dos quais 24,6 milhões apresentam algum tipo de limitação, representando 14,5% da população total. Esta diferença depende de muitas coisas: Hábitos (viver em grandes cidades barulhentas); incidência de doenças infecciosas que levam à surdez, como a rubéola, meningite, sarampo e outras. No Brasil 18% das crianças nascem surdas devido à rubéola na gravidez. Esta causa está em primeiro lugar e poderia estar praticamente abolida com campanhas de vacinação eficazes. A meningite é endêmica no Brasil, outras viroses vacináveis também⁽⁹⁾.

De acordo com Oliveira et al. (2002), a Surdez Profunda Bilateral atinge cerca de 1 em cada 1000 recém-nascidos, valor que se eleva para 20 a 40 por 1000 se considerarmos apenas as crianças internadas em Unidades de Cuidados Intensivos Neo-natais (UCIN) ⁽⁷⁾.

Quadro 1 – Incidências de surdez

- * 1,5% a 9% dos RN de baixo peso
- * 17% das crianças sobreviventes a convulsões neonatais
- * 29% das crianças com baixo peso ao nascer (<1.500 grs) e convulsões neonatais.
- * 20% a 52% das crianças com persistência da circulação fetal
- * 17% das crianças com riscos múltiplos como: peso ao nascer <1.500 grs, asfixia perinatal e subsequente hipoxemia e estadia hospitalar maior que dois meses
- * 10% das crianças com infecção congênita por citomegalovirus
- * 17% das crianças com toxoplasmose congênita (surdez progressiva, com início na infância)
- * 18% das crianças com proeminências pré-auriculares
- * 15% das crianças com paralisia cerebral

Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria (Disponível em: http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=24&id_detalhe=325&tipo_detalhe=s. Acesso em: 25.05.2010)

É importante ressaltar que estas pesquisas relacionadas acima foram feitas em países onde a surdez por rubéola congênita é pouco freqüente, pelo uso da vacina contra rubéola.

Em muitas crianças, o déficit auditivo pode ser a única seqüela neurológica encontrada, demonstrando a incidência de 10 % de surdez em uma população de alto-risco, proveniente de uma UTI-neonatal, sendo que 61% delas não apresentavam outras seqüelas neurológicas ou intelectuais⁽¹¹⁾.

2.2 A Inclusão Social

2.2.1 Contexto histórico da inclusão

A deficiência como fenômeno humano individual e social é determinada em parte pelas representações socioculturais de cada comunidade, em diferentes

gerações, e pelo nível de desenvolvimento científico, político, ético e econômico dessa sociedade⁽¹²⁾.

As raízes históricas e culturais de fenômeno sobre deficiências sempre foram arcadas por forte rejeição, discriminação e preconceito. A literatura da Roma Antiga relata que as crianças com deficiência, nascidas até o princípio da era cristã eram afogadas por serem consideradas anormais e débeis. Na Grécia Antiga, Platão relata no seu livro *A República* que as crianças mal constituídas ou deficientes eram sacrificadas ou escondidas pelo poder público⁽¹³⁾.

No século XV, as crianças com algum tipo de deformidade eram jogadas em esgotos. Na Idade Média, os deficientes encontravam abrigos nas igrejas, e, ainda nesta mesma época, os deficientes ganhavam a função de bobos da corte e eram vistos como seres diabólicos⁽¹⁴⁾.

A Idade Média conviveu com grandes contradições e ambivalência em relação às atitudes e sentimentos frente à deficiência. Os deficientes mentais, os loucos e criminosos eram considerados, muitas vezes, possuídos pelo demônio, por isso, eram excluídos da sociedade. Aos cegos e surdos eram atribuídos dons e poderes sobrenaturais. No pensamento dos filósofos cristãos, a crença também oscilava entre culpa e expiação de pecados e, finalmente, com Santo Tomás de Aquino, a deficiência passa a ser considerada como um fenômeno natural da espécie humana⁽¹²⁾.

No decorrer da Idade Média, as pessoas com deficiência deixaram de ser exterminadas, mas passaram a ser excluídas do convívio social. Essas contradições geravam ambivalência de sentimentos e atitudes que iam da rejeição extrema, passando por piedade e comiseração e até a superproteção, fazendo com que surgissem assim as ações de cunho social, religioso e caritativo de proteção e cuidados como: hospitais, prisões e abrigos⁽¹²⁾.

Do século XVI ao XIX, os deficientes eram colocados em asilos, conventos e em albergues, no momento em que surgem os hospitais psiquiátricos, sem oferecer nenhum tratamento especializado, nem programas educacionais, vistos como verdadeiras prisões⁽¹²⁾.

A luta pela inclusão não é recente, de acordo com a demarcação temporal, pode-se encontrar esforços de um século. Historicamente, as lutas têm se caracterizado por momentos-chaves⁽¹⁵⁾ (p. 40).

Historicamente, a educação de pessoas com deficiência nasceu de forma solitária, segregada e excludente, ela surgiu com caráter assistencialista e terapêutico pela preocupação de religiosos e filantropos na Europa. Mas tarde, nos Estados Unidos e Canadá, surgiram os primeiros programas para prover atenção e cuidados básicos de saúde, alimentação, moradia e educação dessa parcela da população, até então marginalizada e abandonada pela sociedade⁽¹⁶⁾.

As primeiras iniciativas para a educação de pessoas com deficiência surgiram na França em 1620, com a tentativa de Jean Paul Bonet de ensinar mudos a falar. Foram fundadas em Paris as primeiras instituições especializadas na educação de pessoas com deficiências: a educação de surdos com o abade Charles M. Eppé, que criou o “Método dos Sinais” para a comunicação com surdos. O Instituto Real dos Jovens Cegos, em Paris, fundada por Valetin Hauy, em 1784, destinava-se a leitura tátil pelo sistema de letras em relevo. Mais tarde, em 1834, Louis Braille criou o sistema de leitura e escrita por caracteres em relevo, denominado sistema braille, abrindo perspectivas de comunicação, educação e independência para as pessoas cegas⁽¹²⁾.

As primeiras iniciativas para educação de pessoas com deficiência mental foram do médico Francês Jean Marc Itard, no século XIX, que sistematizou um método de ensino inspirado na experiência do menino selvagem de Ayeron (sul da França), que consistia na repetição de experiência positiva. A primeira instituição pública para educação de crianças com deficiência mental foi residencial, fundada pelo médico francês Edward Seguin, que criou um método educacional originado da neurofisiologia que consistia na utilização de recursos didáticos com cores e música para despertar a motivação e o interesse dessas crianças. No Renascimento, com o surgimento das ciências, as concepções racionais começavam a buscar explicações para as causas das deficiências, consideradas, do ponto de vista médico como doenças de caráter hereditário, males físicos ou mentais⁽¹⁷⁾.

Em meados do século XX, surgem às associações de pais de pessoas com deficiência física e mental na Europa e Estados Unidos. No Brasil, são criadas as Pestalozzi e as APAES, destinadas à implantação de programas de reabilitação e educação especial. Em decorrência do avanço científico, as causas e origem das deficiências foram investigadas e esclarecidas na segunda metade do século XX, rompendo assim com a visão mítica e maniqueísta entre o bem e o mal⁽¹²⁾.

No Brasil, a primeira escola especial foi criada em 1854, o Imperial Instituto de Meninos Cegos, no Rio de Janeiro e, em 1857, o Instituto Imperial de Educação de Surdos, também no Rio de Janeiro. Sob influência européia, eles propagaram o modelo de escola residencial para todo o País. Em 1948, com a Declaração dos Direitos Humanos, os direitos foram assegurados a todos com educação pública, gratuita. Essas ideias, reforçadas pelo movimento mundial de integração de pessoas com deficiência, defendiam oportunidades educacionais e sociais iguais para todos, contribuindo fortemente para a criação dos serviços de educação especial e classes especiais em escolas públicas no Brasil. Surge, dessa forma, uma política nacional de educação ancorada na Lei nº 4.024/61 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), com a recomendação de integrar, no sistema de ensino, a educação de excepcionais, como eram chamadas na época as pessoas com deficiências⁽¹²⁾.

Nos anos 60, os países se reuniram e defenderam a adequação dos deficientes a sociedade, na qual surge a Educação Especial no Brasil, através da LDB nº. 4.024, de 1961. A lei aponta que a educação dos especiais deve no que possível, enquadrar-se no sistema geral de educação. Nos anos 70, os Estados Unidos avançaram nas pesquisas e teorias de inclusão, para atender aos mutilados da Guerra do Vietnã, com a Lei nº. 94.142, de 1975, que estabelece a modificação dos currículos e a criação de uma rede de informação entre escolas, bibliotecas, hospitais e clínicas. Em 1978, uma emenda à Constituição Brasileira trata dos direitos da pessoa deficiente. É assegurada aos deficientes a melhoria de sua condição social e econômica, especialmente, mediante educação especial e gratuita⁽¹⁴⁾.

Os anos 80 e 90 foram decisivos para a inclusão, pois ela passa a ser defendida com Declarações e Tratados. Em 1988, com a Nova Constituição, promulgada, garante atendimento aos deficientes na rede regular de ensino. Um ano depois, 1989, a Lei Federal 7.853 prevê a oferta obrigatória e gratuita da educação especial, e crime punível com reclusão de 1 a 4 anos e multa para os dirigentes de ensino público ou particular que recusassem a matrícula de um aluno com necessidades especiais. Nessa mesma década, no Brasil, começaram a surgir os comentários sobre a inclusão e isso se deve ao fato de que a ONU proclamou que o ano de 1981 seria o ano internacional das Pessoas Deficientes, no entanto, para ser implantada demorou ainda um tempo. Nos anos 90, o Brasil aprova o Estatuto

da Criança e do Adolescente, reiterando a atendimento aos portadores de deficiência. Em junho de 1994, mais de 80 países reúnem e assinam a Declaração de Salamanca, ela proclama as escolas regulares como inclusivas, tornando-as meio mais eficaz de combater a discriminação. Em 1996, a LDB n.º 9.394, ajusta-se a Legislação Federal, aponta que a educação aos portadores de necessidades especiais deve dar-se preferencialmente na rede regular de ensino⁽¹⁴⁾.

a educação é um dos pilares para alcançarmos essa almejada sociedade inclusiva. É começando pelas crianças com a conscientização delas sobre as diversidades que as necessidades especiais de alguns passarão a serem vistas como devem ser, como algo natural, que faz parte da natureza humana⁽¹⁸⁾ (p.15).

Dentro da esfera política e de descentralização do poder, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica recomendam a colaboração entre União, Estados e Municípios para que seja efetivamente exercitado no País o debate de idéias e o processo de decisões acerca de como devem se estruturar os sistemas educacionais e quais procedimentos de controle social serão desenvolvidos⁽¹⁹⁾.

Portanto, nota-se que a atual política educacional tem como uma de suas metas, a inclusão de crianças, jovens e adultos portadores de necessidades especiais na escola regular, com apoio e atendimentos necessários. Cabe aos profissionais atender as diversidades de cada aluno sem nenhum tipo de distinção⁽¹⁹⁾.

2.2.2 Inclusão e o processo pedagógico.

Incluir significa compreender, abranger, conter em si, inserir, introduzir; estar incluído ou compreendido; fazer parte; inserir-se⁽²⁰⁾. (p. 380).

O momento que ora se vivencia é de transição entre a integração e o que se denomina de inclusão, e diante desta questão, Sasaki se posiciona: A inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa, com necessidades especiais, buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania⁽¹⁵⁾. (p. 37).

A inclusão é um processo amplo, com transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive do próprio Portador de Necessidades Especiais, que contribui para um novo tipo de sociedade⁽¹⁵⁾.

Uma sociedade que aceite e valorize as diferenças individuais, aprenda a conviver dentro da diversidade humana, através da compreensão e da cooperação entre todos. Na abordagem de Ribas, inclusão é um novo modelo que está nascendo, um paradigma que considera a diferença como algo inerente entre os seres humanos⁽²¹⁾ (p. 52).

Diante desse posicionamento, pode-se afirmar que, a sociedade está recebendo novos caminhos para desenvolver da educação especial, oportunizando aos alunos portadores de deficiências a convivência em uma sociedade mais esclarecida e sem preconceito e construindo novos paradigmas educacionais, onde o respeito é fundamental, bem como o respeito às diferenças e a aceitação das limitações.

Inclusão é o processo de valorização da diversidade dentro da comunidade humana⁽²²⁾ (p. 35).

A inclusão é uma saída para que a escola possa fluir novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam⁽¹⁷⁾.

Quando ocorre uma mudança radical gera uma quebra de paradigmas, onde a incerteza e a insegurança estão muito presentes, mas, em paralelo, a elas apresentam a liberdade e a ousadia para buscar outras alternativas, outras formas de interpretação e de conhecimento que dão sustentação para que seja realizada a mudança. Essa mudança é representada pelo ideal da inclusão que tem como objetivos citados pela autora como uma ruptura de base na organização escolar⁽¹⁷⁾.

Incluir é um processo de educar conjuntamente e de maneira incondicional, nas classes e escolas do ensino comum, crianças ditas normais com crianças portadoras de deficiência⁽²³⁾ (p. 70).

A inclusão consiste em beneficiar a todos, independentemente de suas necessidades especiais, uma vez que sadios sentimentos de respeito às diferenças e de cooperação, solidariedade podem ser desenvolvidas com a convivência entre deficientes e pessoas normais. “O processo de inclusão como uma forma nova de educar, respeitando as diferenças e não as discriminando”⁽²⁴⁾ (p. 22).

Nessa nova visão, a inclusão passa a ser vista como um processo de adaptação da sociedade que inclui as pessoas com necessidades especiais em todos os ambientes sociais, educacionais e outros.

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral⁽¹⁷⁾.

Embora a diferença não significa que a capacidade de uns e a deficiência de outros para aprender, sua existência aponta a necessidade de uma educação que assimile todos estes dados tornando assim um processo mais rico e dinâmico na organização escolar.

Diante destes conceitos, espera-se ter esclarecido o que vem a ser inclusão. Existe uma gama variada de autores que fazem relatos acerca do referido assunto, pois a educação inclusiva se caracteriza como processo de incluir os portadores de necessidades especiais ou com distúrbios de aprendizagem na rede regular de ensino, em todos os seus graus, pois nem sempre a criança que é portadora de necessidades especiais (deficiente), apresenta distúrbio de aprendizagem, ou vice versa, então, todos esses alunos são considerados portadores de necessidades educativas especiais.

2.3 A Atividade Física Esportiva Adaptada

2.3.1 O esporte como meio de sociabilização

Os motivos que levam crianças e adolescentes a praticarem uma determinada atividade física e desportiva são muitos e a sociabilidade pode estar associada a esta escolha. A necessidade de pertencer a um grupo é muito forte na adolescência e isto pode ser um dos fatores primordiais para os jovens se envolverem com o esporte⁽²⁵⁾. As crianças apreciam o esporte devido às oportunidades que o mesmo proporciona de estar com os amigos e fazer novas amizades⁽²⁶⁾. Não há a menor dúvida de que as atividades físicas e, principalmente, esportivas constituem-se num dos melhores meios de convivência humana⁽²⁷⁾.

A amizade, a sociabilidade e a competência constituem normas que regulam a aceitação social e constituem, também fatores para o desenvolvimento de competências fundamentais para que a criança e o adolescente possam ser oportunizados a um bom crescimento e adaptação à vida adulta^{(25) (26) (27)}.

Os motivos dos adolescentes parecem estar associados à melhora da saúde e à performance física, característicos da fase de busca de uma identidade e de uma afirmação nos grupos⁽²⁸⁾.

Com adolescentes de 11 a 18 anos de idade, participantes de clubes escolares de capoeira em escolas públicas de Santa Maria/RS verificou-se, através da análise de três categorias (competência desportiva, saúde e amizade/lazer) os motivos para a prática deste esporte. Para os autores, os motivos relacionam-se, primeiramente, à saúde; em segundo lugar, amizade/lazer e, em terceiro lugar, à competência desportiva⁽²⁵⁾. Em outro estudo, com tenistas brasileiros infanto-juvenis, constatou que na categoria "até 16 anos", a dimensão sociabilidade obteve valores significativos para que estes praticassem atividade física regular⁽²⁹⁾.

Portanto, uma das formas de se alcançar este objetivo, pensa-se numa prática educativa do esporte orientada por um viés inclusivo, que vise à promoção de atividades recreativas, formativas e sociais. Uma prática que construa valores, tais como: responsabilidade, respeito ao próximo, respeito às regras, desenvolvimento da personalidade, da tolerância, da integração e convivialidade. E para que isso ocorra é preciso que o professor acredite na mudança, zele por uma coerência total entre suas ideias e suas ações na prática educacional; busque conteúdos e uma metodologia de ensino dinâmica. Em suma, uma aprendizagem formativa que faça do seu aluno um ser pensante, autônomo, criativo e crítico⁽²⁵⁾.

2.3.2 Breve histórico do esporte adaptado para surdos

A prática de atividades físicas por pessoas com deficiência já vem desde a Grécia antiga. O exercício com finalidades terapêuticas já era praticado na China há 3 mil anos. Entretanto, o esporte da forma pela qual se conhece hoje é de fato recente, tendo iniciado por volta do final do século XIX. As atividades descritas antes desse período tinham uma finalidade primordialmente médica, buscando prevenir e tratar lesões ou doenças⁽³⁰⁾.

Por volta de 1870, iniciavam-se nos Estados Unidos, as primeiras participações de crianças surdas em competições esportivas organizadas por escolas especiais. Em Berlim, em 1888, já havia clubes esportivos para atletas surdos. Logo o futebol e o basquetebol ganharam grande popularidade em tais competições. Em Paris, em 1924, ocorriam os primeiros Jogos do Silêncio, reunindo atletas de vários países em um grande encontro internacional, o qual se repete até os dias atuais. Em 1945, era fundada, nos Estados Unidos, a American Athletic Association for the Deaf (AAAD), que desde esse ano organiza e promove o esporte para pessoas surdas naquele país⁽³⁰⁾.

Os esportes para atletas surdos internacionalmente são organizados pelo CISS (Comitê Internacional de Esportes para Surdos), fundado em 1922. Entretanto, esta associação não é filiada ao IPC (Comitê Paraolímpico Internacional) e não participa dos Jogos Paraolímpicos, sendo responsável até hoje pelos Jogos Mundiais do Silêncio.

O esporte para surdos também foi um dos primeiros a chegar ao Brasil. O primeiro relato de organização desse esporte foi a fundação, em janeiro de 1959, da Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro. Durante muitos anos, essa federação foi reconhecida pelo então Conselho Nacional dos Desportos e pela Confederação Brasileira dos Desportos. Na década de 1960, a Federação filiou-se ao CISS, porém, apenas há poucos anos, o Brasil tem participado dos jogos mundiais para Surdos, realizados a cada 4 anos em países diferentes. Em 1967, a federação carioca promoveu no Rio de Janeiro os IV Jogos Desportivos Silenciosos Latino-americanos, com a participação de Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela, Colômbia e representantes do CISS, Estados Unidos e Peru. Em 1987, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos para Surdos, a CBDS, e desde então, é esta que tem o direito à filiação junto ao CISS⁽³⁰⁾.

O esporte adaptado pode ser definido como o esporte modificado ou, especialmente cria para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência. Ele pode ser realizado de forma integrada, em que indivíduos com deficiência ou não praticam e competem juntos, ou de forma segregada, em que as pessoas portadoras de deficiência praticam e competem separadamente daquelas sem deficiência⁽³⁰⁾.

2.3.3 Prática Esportiva no Deficiente Auditivo.

O Desporto Adaptado no Brasil desenvolve-se dentro de uma estrutura diferenciada daquela em que se desenvolve o desporto para as pessoas ditas 'normais'. Este último pode ser organizado e dirigido por qualquer grupo de pessoas com interesse em alguma modalidade esportiva, mediante a constituição de um clube, o que possibilitará a participação em eventos nos mais diferentes níveis. Já o desporto para pessoas portadoras de Deficiência organiza dentro de uma estrutura diferente da estabelecida pelo desporto dos não portadores de deficiência⁽³¹⁾.

A reabilitação buscou, na atividade física, novos caminhos para possibilitar a interação dessas pessoas com a sociedade, evidenciando as capacidades residuais dos portadores de deficiência física através do esporte⁽³²⁾ (p.61).

A surdez ainda é um tema pouco explorado pelos educadores, principalmente no que diz respeito aos aspectos psicológicos, sociológicos, culturais e educacionais. Proporcionar ao indivíduo surdo meios para a integração e inclusão é não concordar com paradigma da exclusão⁽³³⁾.

A deficiência auditiva é entendida como um tipo de privação sensorial, cujo sintoma comum é uma relação anormal diante do estímulo sonoro. São classificados de acordo com o grau de perda da audição que, por sua vez, é avaliado pela intensidade do som, medidas em decibéis (dB), em cada um dos ouvidos⁽³⁴⁾.

Deve-se salientar que hoje, o treinamento com surdos pode e deve seguir os mesmos métodos aplicados para os atletas ouvintes, respeitando-se sempre os fatores da individualidade e alguns níveis de surdez. Alguns surdos apresentam limitações individuais bem como formação, cultura e até mesmo a comunicação em LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais). Muitas pessoas portadoras de deficiência já praticam várias atividades físicas e/ou esportivas, seja em forma de lazer, recreação, reabilitação e com a finalidade de competir em nível municipal, regional, nacional e internacional. Assim, o esporte é como prioridade junto ao deficiente auditivo, participar no processo de formação de um ser humano autônomo e participante, eliminando discriminações e preconceitos, proporcionando o prazer, a evolução da consciência, a construção da cidadania, o interesse pela prática esportiva e a introdução de uma cultura de lazer⁽³⁵⁾.

A deficiência auditiva é um problema desafiante para a educação especial. Interfere tanto na recepção quanto na produção da linguagem. Por conta da importância da linguagem em todas as dimensões do desenvolvimento, ser incapaz de ouvir e de falar é uma deficiência crítica que pode dificultar o ajuste social e acadêmico⁽³⁰⁾.

A surdez afeta apenas o aparelho auditivo, não trazendo nenhum outro prejuízo, além dos já citados. Dessa forma, o desenvolvimento motor de crianças surdas costuma seguir os padrões de normalidade, não havendo, portanto, nenhuma restrição à prática de atividade física. Quando a surdez é acompanhada de outra deficiência ou de algum outro comprometimento, as possíveis restrições estarão relacionadas a esses(s) outro(s) problema(s). A escolha de atividades físicas para pessoas surdas deve respeitar os mesmos critérios usados para a seleção de atividades para crianças sem deficiência (condições de saúde, faixa etária, condicionamento físico, interesse etc)⁽³⁶⁾.

O planejamento de atividades com portadores de deficiência auditiva deve considerar: a posição do educador no momento das instruções; a clareza das explicações; utilização de sinais visuais; adequação do número de participantes nas atividades em grupo; utilização de recursos materiais para enriquecer a aula. Para um melhor relacionamento entre educador e o educando, deficiente auditivo⁽³⁷⁾.

Devem considerar as limitações, mas se devem enfatizar as capacidades, informar-se sobre a causa e gravidade da lesão e, se for necessário, deve-se procurar ajuda da família ou de outros profissionais envolvidos com o deficiente⁽³⁸⁾.

2.3.4 O esporte para pessoas com deficiência auditiva

Desde o início do movimento paraolímpico, as entidades administradoras de esportes para surdos optaram por manter a organização de seus campeonatos de forma separada. Uma das razões é que, segundo alguns dirigentes, o esporte para surdos requer adaptações mínimas, as quais não justificaram a participação desses atletas surdos, participando de competições esportivas convencionais, inclusive, internacionais⁽³⁹⁾.

Para participar das competições para surdos oferecidas pela CBDS e pelo CISS, o atleta deve apresentar perda auditiva de pelo menos 55 decibéis. A

competição específica mais importante que há para os atletas surdos são os Jogos Mundiais para Surdos (Word Games for the Deaf – WGD), que ocorre a cada 4 anos sempre em um país diferente. As modalidades praticadas são: badminton, basquetebol, ciclismo, luta, tiro, futebol, natação, tênis de mesa, handebol, tênis de campos, atletismo, voleibol e pólo aquático, além das modalidades de inverno⁽³⁰⁾.

As regras de todas as modalidades esportivas são idênticas às dos esportes convencionais, com algumas adaptações no que se refere à comunicação entre os árbitros e os atletas. É comum o uso de bandeiras ou cartões coloridos para advertir o atleta sobre os acontecimentos durante um jogo coletivo. Na natação e no atletismo, por exemplo, as saídas são realizadas basicamente de duas formas: o árbitro abaixa o braço no momento da largada, ou um *flash* de luz é disparado logo na base da baliza, exatamente no momento do tiro de partida. Dessa maneira, os atletas podem, inclusive, competir em eventos convencionais, junto com atletas sem deficiência auditiva⁽³⁰⁾.

São comuns os casos na história do esporte de atletas surdos que obtiveram excelente nível esportivo, participando de competições convencionais. Sempre que possível, o professor deve estimular a integração desses atletas, pois suas chances de alcançar resultados elevados são grandes. São apenas necessárias pequenas adaptações na forma de comunicação⁽³⁶⁾.

Especificamente, no caso da natação, se o atleta reclamar de dor no ouvido, é preciso que se investigue se tal modalidade não é contra indicada para o indivíduo. Algumas patologias que levam a lesões no ouvido médio podem se agravar com a exposição à água, e o professor deve estar atento a qualquer alerta por parte do atleta⁽³⁹⁾.

Para trabalhar com atletas surdos, o professor deve certificar-se de que a comunicação está ocorrendo de forma apropriada, bem como que o atleta está compreendendo corretamente as instruções. Se for necessário, deve substituir a comunicação sonora por dicas visuais, inclusive com informações escritas em último caso. Também é conveniente que os técnicos e árbitros falem posicionando-se de frente para o atleta surdo, a fim de que este possa realizar leituras labiais; para este propósito, também é interessante que não se exagere na articulação das palavras maior impacto na região da cabeça, é preciso especial atenção com aqueles que utilizam aparelhos auditivos, a fim de se evitar possíveis lesões⁽³⁹⁾.

Entre tais benefícios, pode-se destacar visível melhora na autoestima, evolução no autoconceito, melhor aceitação da condição da deficiência, melhor interação com as pessoas ao redor, ganhando a autoconfiança e independência.

Os surdos podem praticar qualquer tipo de esporte e de atividade rítmica. No caso dos esportes, não há necessidade de qualquer adaptação na forma de ensinar, conduzir ou arbitrar. Tão pouco há adaptações nas regras de cada modalidade. Já as atividades rítmicas, se envolverem coreografia, costumam demandar um pouco mais de tempo de treinamento, devido à necessidade de internalizar o tempo e o andamento da execução dos movimentos sem o auxílio de uma trilha sonora (mesmo com boa amplificação os surdos não conseguem perceber a maior parte das nuances de uma música). A escolha de atividades físicas para pessoas surdas deve respeitar os mesmos critérios usados para a seleção de atividades para crianças sem deficiência (condições de saúde, faixa etária, condicionamento físico, interesse etc) ⁽⁴⁰⁾.

2.4 Sociometria

De *sócios* = social e *metreim* = medida, extraiu o termo sociometria. Assim, ele denominou de início, o conjunto de técnicas por ele idealizadas para investigar, medir e estudar os processos vinculares que se manifestam nos grupos humanos ⁽⁴¹⁾.

Sociograma é um diagrama com círculos concêntricos desenhado para objetivar as redes relacionais de um determinado grupo ⁽⁴²⁾.

A sociometria permite a visualização da situação das relações em um grupo de pessoas. A principal finalidade desta verificação é a interação com a situação e a manutenção para obtenção de objetivos ⁽⁴³⁾.

A sociometria teve sua fundamentação teórica marcada entre o final do século XIX e início do século XX, com intuito básico de proporcionar a descrição quantitativa das relações entre as pessoas de um determinado grupo, através de Índices de Classificação Sociométrica. Levando em consideração os paradigma da época, onde o pensamento clássico e determinista do estudo das relações era predominante na comunidade científica, a sociometria esteve, no início, intimamente relacionada com a quantificação e com a pretensão de se tornar um

instrumento para a planificação social dirigida, primeiro em grupos controlados, para depois ser estendida a uma coletividade mais ampla⁽⁴⁴⁾.

A Avaliação sociométrica é baseada na interação dos seguintes componentes: Teste Sociométrico, Matriz Sociométrica, Sociograma e a Tabela de índices Sociométricos⁽⁴¹⁾⁽⁴⁵⁾. O Teste Sociométrico, definido como método de investigação, tem como objetivo facilitar a compreensão das redes de vínculos que configuram a estrutura dos grupos humanos e pode ser classificado como Teste de Projeção Sociométrica e Teste de Percepção Sociométrica. A Matriz Sociométrica representa o quadro de dupla entrada que serve para sistematização dos dados colhidos. O Sociograma é a representação gráfica das diversas indicações realizadas pelos membros do grupo. A Tabela de índices Sociométricos representa a listagem dos diversos índices de interação calculados (Nº de eleições, Nº de rejeições, Nº de mutualidades, índice télico e etc).

O teste sociométrico é utilizado para descrever as relações grupais e foi aplicado em equipe de futebol⁽⁴⁴⁾; futebol Juvenil⁽⁴⁶⁾; handebol⁽⁴⁷⁾; oficiais do exército⁽⁴⁸⁾; ambientes de ensino-aprendizagem⁽⁴⁹⁾; inclusão de alunos com deficiência física⁽⁵⁰⁾; atletas com deficiência física⁽⁵¹⁾. A sociometria busca descobrir de quem as pessoas gostam ou não, e com quem elas gostariam ou não de trabalhar. Através dessa técnica pode-se verificar as relações entre as pessoas associadas a grupos diferentes. Por exemplo, o deficiente auditivo, por ser um indivíduo "ilhado" pela sociedade pelo fato de não se comunicar oralmente. Essa dificuldade se torna uma das barreiras que esse grupo encontra diminuindo assim o seu campo de relacionamento. O teste sóciométrico usado por vários pesquisadores, torna-se um instrumento importante e valioso para analisar a integração grupal.

De acordo com Jacob Levy Moreno, o criador do Psicodrama e da Sociometria, nasceu em 6 de maio de 1889, na cidade de Bucareste, na Romênia. Era de origem judaica (sefardim). Sua família veio da península ibérica e radicou-se na Romênia, na época da Inquisição. Formou-se em medicina em 1917. Ao trabalhar com os pacientes do hospital psiquiátrico, usando o "Teatro da Espontaneidade", criou o Teatro Terapêutico, depois chamado "Psicodrama Terapêutico". Em 1925, emigrou para os EUA. Dois anos depois fez a primeira apresentação do Psicodrama fora da Europa⁽⁵²⁾.

Em 1931, introduziu o termo Psicoterapia de Grupo e este ficou sendo considerado o ano verdadeiro do início da Psicoterapia de Grupo científica, embora as fundamentações e experiências tenham iniciado em Viena. Moreno morreu em Beacon, em 14 de maio e 1974, aos 85 anos de idade e pediu que, em sua sepultura, fossem gravadas as seguintes palavras: *"Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria"*⁽⁵²⁾.

Baseado nos conceitos de atração (positivo), rejeição (negativo) e indiferença (neutro), o teste sociométrico é o método de investigação que observa as redes vinculares de uma determinada população e indicam a forma e a intensidade com que se produzem. Pode-se usar o teste em grupos de trabalho, para modificar suas formas. Consiste, primeiramente, em fazer aquecimento e, depois, em procurar o critério sociométrico através de um questionário que será usado no caso, realizando um gráfico das configurações observadas, para montagem do sociograma⁽⁵³⁾.

O critério sociométrico é o motivo (ou móvel comum) que leva os integrantes de um grupo, no mesmo impulso espontâneo, para um fim determinado (por exemplo, a procura de um teto, de alimento, de amor, a necessidade de um companheiro etc.). Para que a investigação sociométrica seja válida, deve-se incorporar um critério às perguntas do teste sociométrico. Pergunta "Quem você prefere neste grupo?" Não tem qualquer validade sociométrica se não houver critério. Para trabalhar, para estudar, para passear etc. são critérios distintos que vão estimular estruturas sociométricas distintas, conforme o critério do grupo⁽⁴²⁾.

Tendo em vista que o Teste Sociométrico destina-se a compor um quadro que descreve um perfil relacional específico de um determinado grupo, em um determinado momento, faz necessário estabelecer previamente quais focos de análise deverão ser usados nos questionários que serão aplicados⁽⁴⁴⁾.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Avaliar os efeitos da atividade esportiva para a interação entre um grupo de pessoas que apresentam deficiência auditiva com um grupo de pessoas ouvintes em partidas de futsal com times mistos (ouvintes e não-ouvintes).

3.2 Específicos

- Avaliar a integração e socialização dos atletas em cada time antes e após a intervenção ou situação teste;
- Quantificar a interação entre indivíduos DAs e indivíduos ouvintes mediante as mudanças na frequência de passes durante as partidas de futsal.

4 HIPÓTESES

A prática esportiva representada neste caso, pelo esporte futsal pode ser um recurso para a socialização entre indivíduos com deficiência auditiva e indivíduos ouvintes.

5 MATERIAL E MÉTODOS

5.1 Classificação Da Pesquisa

Este estudo se classifica como pesquisa de campo, com intervenção⁽³⁶⁾.

O projeto foi registrado na Pró- reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da FESURV (Anexo I) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da FESURV – Universidade de Rio Verde (Anexo II).

5.2 Local

A pesquisa foi realizada na cidade de Rio Verde - GO, onde se localiza o Centro de Excelência no Esporte “Ermones Garcia”. O teste foi realizado em quadra coberta, obedecendo às medidas oficiais de 32 metros de comprimento por 17 de largura de acordo com as regras da Confederação Brasileira de Futsal (2010).

5.3 População e Amostragem

Para realização da pesquisa foram formados pelo pesquisador dois times de futsal, com dez jogadores para cada equipe, composto por pessoas ouvintes e não ouvintes, todos residentes na cidade de Rio Verde - GO. Durante a pesquisa, devido a desistência de alguns indivíduos, houve participação de 7 (sete) deficientes auditivos e 6 (seis) ouvintes.

Os jogadores dos times, portanto participantes da pesquisa, foram selecionados por conveniência do pesquisador. Os jogadores portadores de deficiência auditiva foram convidados dentre a Associação de Surdos de Rio Verde - ASRV (Anexo III). Esta entidade mantém um quadro de associados de 97 membros, entre homens e mulheres e, em sua maioria, residentes em cidades vizinhas.

Os participantes ouvintes foram selecionados aleatoriamente entre equipes amadoras da cidade de Rio Verde-GO. Todos participantes ouvintes são residentes na cidade de Rio Verde-GO.

Os participantes portadores de deficiência auditiva residentes na cidade de Rio Verde-GO entre 16 e 30 anos, todos do sexo masculino, solteiros, estudantes do ensino médio, somente um com nível superior com média de idade 23,6 anos ($\pm 5,0$), e quanto aos participantes ouvintes todos do sexo masculinos como idade entre 16 e 24 anos, solteiros, estudantes do ensino médio, sendo dois cursando nível superior. Todos residentes na cidade de Rio Verde-GO com média de idade 18,83 anos ($\pm 2,78$). A média de idade foi selecionada devido constar como jovem/adulto na categoria do futsal, evitando indivíduos de menor idade para não ocorrer risco de lesão ou traumas ocasionado por confrontos físicos.

Todos os participantes foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa através do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (anexo IV e V) e, devidamente, assinados pelos os mesmos e pelos pais daqueles com idade inferior a 18 anos.

5.4 Critérios de Inclusão

Todos participantes ouvintes e não ouvintes eram residentes na cidade de Rio Verde-GO, praticantes de futsal em equipes amadoras. O fato de todos, entre DA e ouvintes, residirem na mesma cidade, o risco de ausência durante a pesquisa seria menor.

5.5 Critérios de Exclusão

Foram descartados da seleção para pesquisa associados que não residiam na cidade de Rio Verde, que não disponibilizavam de tempo para os encontros ou com idade inferior a 16 anos. Teve como critério, indivíduos sem nenhum vínculo com equipes profissionais de futsal. Mantendo-se de igual forma a categoria de amador para todos. Já que equipes profissionais mantêm um padrão superior nas qualidades física, técnica e tática, devido ao treinamento diário.

5.6 Materiais e instrumentos de coleta de dados

Na realização do estudo foram utilizados os seguintes materiais: Teste sociométrico, bolas, camisas, bandeiras, apito, filmadora da marca Panasonic, caneta esferográfica e folha de registro para a contagem de passes. A contagem dos passes foram feitas visualmente e conferidas através das filmagens.

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

1) Teste sociométrico⁽⁵⁴⁾. (Anexo VI).

Uma parte do teste sociométrico, o "perceptual", verifica a capacidade de cada elemento de um grupo de captar os sentimentos e expectativas dos outros em relação a ele. Utilizado para medir as redes vinculares dos grupos, o teste sociométrico consistiu-se de um questionário que continha três questões utilizadas como critério sociométrico:

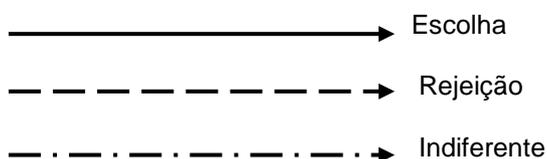
- Quem você escolhe para ser o líder da equipe? Por quê?;
- Quem você não escolhe para ser o líder da equipe? Por quê?;
- Quem do grupo é indiferente para ser o líder da equipe?.

Para analisar o resultado do teste sociométrico foram utilizados os sociogramas que consiste em um diagrama com círculos concêntricos desenhado para observar as redes relacionais de um determinado grupo. Os atletas são representados por figuras geométricas simbolizando círculo para ouvintes e triângulo para surdos. A representação numérica no interior da figura destina-se a cada jogador participante da pesquisa.

Representação:

OUVINTES: 

DAs: 



Para a construção e avaliação do sociograma, considerou-se o uso de figuras circulares em tamanhos diferentes entre si, proporcionando uma melhor visualização das relações encontradas. Neste trabalho foi usado, o sociograma a partir de três círculos concêntricos, em que, no círculo central, são representados os indivíduos significativamente escolhidos, ao passo que na periferia estão os indivíduos pouco escolhidos⁽⁵⁵⁾. Cada sujeito é representado no alvo de acordo com a sua nota de aceitabilidade.

2) Folha de Registro de passe: (Anexo VII e VIII).

Utilizado para contabilizar a frequência de passes entre os ouvintes e não ouvintes nos jogos testes, e as alterações desta frequência no decorrer do experimento, registrados nas filmagens.

5.7 Procedimento

Foi realizada uma avaliação da integração e socialização dos atletas em cada time, antes e após a realização dos encontros. Sendo o confronto entre as equipes por intervenção ou situação teste.

Os jogos entre os dois times teve uma duração de um mês em um total de 4 (quatro) encontros. O tempo de jogo foi de 40 minutos, divididos em dois tempos de 20 minutos, de acordo com as regras da CBFS (Confederação Brasileira de Futsal).

No primeiro encontro, com as devidas orientações sobre a escolha do possível líder de cada equipe, foi aplicado o teste sociométrico para cada participante ouvinte e não ouvinte que não obteve nenhum contato anteriormente, antes da pesquisa. Nos encontros posteriores foram realizadas filmagens e anotações quanto ao número de afinidades através dos passes realizados no decorrer da cada partida. No último encontro, foi reaplicado o teste sociométrico.

No primeiro encontro, o objetivo foi que o grupo de ouvintes escolhesse um possível líder DA e o grupo de DA escolhesse um possível líder ouvinte. Os grupos foram separados pelo pesquisador a fim de que o grupo de Deficientes Auditivos (DAs) pudesse escolher um líder entre os ouvintes e o grupo dos ouvintes pudesse escolher um líder do grupo entre os DAs. Para isso, o pesquisador separou os dois grupos, deixando-os posicionados frente a frente, com identificações nominais

através de crachás. Sem apresentação prévia, os grupos responderam o questionário mesmo sem conhecer um ao outro. As questões foram esclarecidas para ambos os grupos, sendo que para o grupo de DAs usou-se a comunicação de sinais, LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. O pesquisador foi o intérprete das perguntas para os DAs, devido ao grau cultural de alguns DAs por não apresentar alfabetização necessária para interpretar as questões. Feitas as escolhas dos líderes, através das respostas do questionário, os mais votados foram eleitos para serem líderes de suas equipes. O pesquisador formou duas equipes, A e B, com 5 (cinco) jogadores, sendo: equipe “A” 1(um) goleiro DA e quatro jogadores de linha; 2 (dois) DAs e 2 (dois) ouvintes . Equipe “B”: 1 (um) goleiro ouvinte e quatro jogadores de linha, sendo: 2 (dois) ouvintes e 2 (dois) DAs.

O pesquisador tomou a iniciativa de formar os dois times devido a falta de relacionamento entre os DAs e os ouvintes. Em se tratando de ser o primeiro encontro e para que não unificassem as equipes com jogadores com o mesmo padrão auditivo, foi tomada essa decisão para melhor equilíbrio entre os times.

No último encontro, foi aplicado o segundo questionário sendo que os mais votados escolheram a sua própria equipe. A equipe liderada pelo DA ficou formada com 3 (três) DAs e 2 (dois) ouvintes. A equipe liderada pelo ouvinte ficou formada com 4 (quatro) ouvintes e 1 (um) DA. Os jogos foram filmados para que melhor fossem contabilizados os passes e comparados com as anotações manuais.

5.8 Processamento Estatístico

O processamento estatístico foi realizado por meio da estatística descritiva na qual foram observados os valores médios e percentuais bem como o desvio padrão. Para calcular o aproveitamento do número de passes durante as partidas, foi utilizada a ANOVA, usando o SISVAR 5.2 a um nível de significação de $P < 0,05$.

6 RESULTADOS E DICUSSÃO

6.1 Teste Sociométrico Pré e Pós-Campeonato

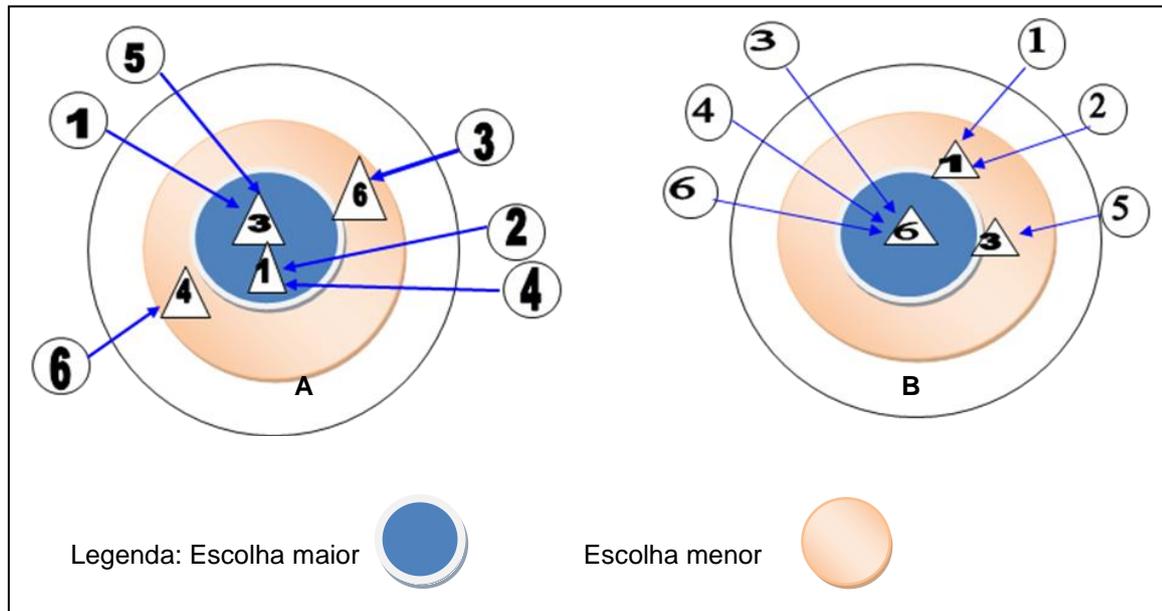


Figura 3 – Sociograma teste sociométrico relacionado na escolha do ouvinte ao possível líder DA no período pré jogos letra A e pós jogos letra B.

No primeiro encontro, os participantes da pesquisa foram convidados a fazer a escolha de um possível líder. Na figura 3 A estão apresentadas as escolhas de um possível líder DA pelos atletas ouvintes. Os mais votados foram os indivíduos 1 e 3, com dois votos para cada um e sendo um voto para os indivíduos 4 e 6, respectivamente. Percebeu-se que não houve um consenso entre os ouvintes na escolha do possível líder DA devido a falta de conhecimento entre os grupos, conforme o sociograma.

Conforme figura 3 B, a escolha do líder no segundo teste sociométrico, houve predominância na votação do DA 6, com três votos. Após as intervenções realizadas durante o período de jogos, em comparação ao primeiro teste sociométrico em que o grupo se mostrava dividido entre dois atletas (1 e 3) com 2 votos para cada um. Dessa vez o atleta 1 ficou com 2 votos e o atleta 3 ficou com 1 voto. Durante a realização da pesquisa, houve a desistência sem justa causa de quatro indivíduos ouvintes e três DAs.

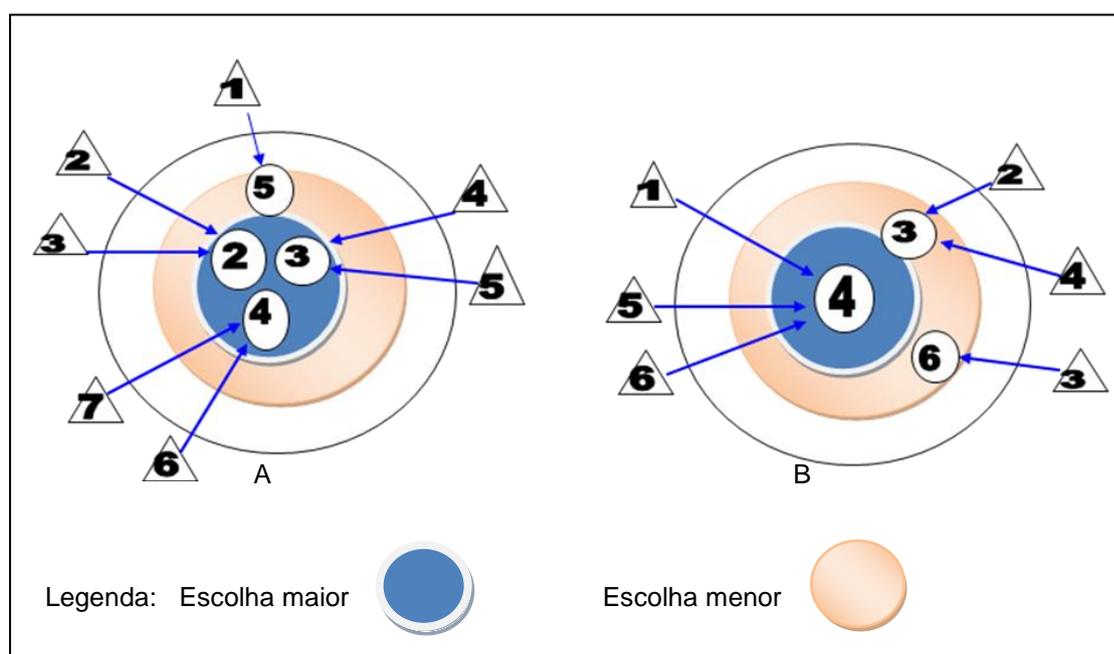


Figura 4 – Sociograma de teste sociométrico relacionado na escolha do DA ao possível líder ouvinte no período pré jogos letra A e pós jogos letra B.

O resultado das escolhas dos DAs diante do possível líder ouvinte, se demonstrou dividida entre os indivíduos 2, 3 e 4 com dois votos para cada indivíduo. O indivíduo 5 recebeu apenas um voto, conforme sociograma apresentado na figura 4 A.

Com este resultado não foi possível definir quem seria o líder de grupo. Pode-se considerar que se tratar do primeiro encontro entre os grupos e não existia nenhum tipo de relacionamento, que proporcionasse a formação de uma equipe. Evidencia-se a necessidade de um trabalho permanente do esporte que mantenha os atletas atualizados quanto a suas dificuldades ou facilidades de interação⁽⁴⁶⁾.

Os critérios de escolha podem variar, conforme objetivo de análise, podendo ser agrupados como operativos (execução de tarefas) e/ou afetivos (esfera emocional)⁽⁴⁴⁾.

Conforme o questionário, perguntado aos atletas ouvintes, após a pergunta sobre quem seria o líder escolhido, confirma-se o por quê para tal escolha. As respostas apresentadas demonstraram um conceito somente pela aparência, sendo identificado como: “deve ser bom jogador”, “deve ser gente boa”, “parece ser seguro

no que faz”. Assim, a falta de conhecimento entre os grupos não permitiu uma escolha unânime entre os grupos.

A mesma pergunta foi feita aos DAs. Suas respostas também se mostraram indefinidas, indicando a falta de entrosamento e conhecimento entre si. Os tipos de respostas apresentadas foram as seguintes: “acho que joga bem”, “parece ser bom”, “deve ser bom e forte”, “deve jogar bem”.

No que se refere às equipes esportivas que participam de competições cujas exigências se enquadram como sendo de alto rendimento, o diferencial quase sempre reside no aspecto psicológico de cada atleta e social no grupo como um todo⁽⁴⁴⁾.

São vários os fatores que influenciam a forma como o indivíduo interage com o outro. O processo de interação é complexo e ocorre, permanentemente, sob a forma de comportamentos manifestos ou não, verbais ou não verbais, como pensamentos, sentimentos, reações mentais e/ou físico-corporais⁽⁵⁶⁾.

Os indivíduos se baseiam em escolhas pessoais, para ressaltar companheiros com atributos pessoais, para liderar o grupo, perante aspectos que envolvem aproximação cultural, afetividade e ação de comando⁽⁴⁷⁾.

De acordo com a figura 4 B, os resultados da escolha, destacou-se o ouvinte 4, sendo o vencedor com 3 votos das escolhas entre os DA's para o possível líder ouvinte. Em relação ao primeiro teste realizado quando se mostraram equilibradas as escolhas entre os ouvintes 2, 3 e 4 com dois votos para cada um.

A análise dos sociogramas indicou uma mudança que favoreceu à melhoria do relacionamento entre os componentes, evidenciando um maior entrosamento entre os atletas. A avaliação sociométrica torna-se um instrumento útil com apoio para intervenções multiprofissionais, na esfera da preparação psicológica. O mesmo autor conclui que a facilidade com que os dados são obtidos e processados são elementos que tornam este instrumento vantajoso, tanto para o Futebol como para outros esportes coletivos. Percebe-se uma afinidade maior quanto à escolha de um possível líder ouvinte em comparação ao primeiro e segundo teste sociométrico, com uma diferença de 14,28% de aumento de escolha em um único jogador⁽⁴⁴⁾.

O teste sociométrico demonstrou que é um instrumento importante, ou seja, uma ferramenta pedagógica, pois permite identificar a posição de cada integrante no grupo⁽⁴⁸⁾. De acordo com as escolhas dos atletas 6 (DA) e 4 (ouvinte), é bem provável que esses atletas já possuíam condições que satisfizessem o interesse de

cada grupo. O líder é, frequentemente, alguém percebido pelos companheiros e revestido de grande importância para a performance da equipe⁽⁴⁷⁾.

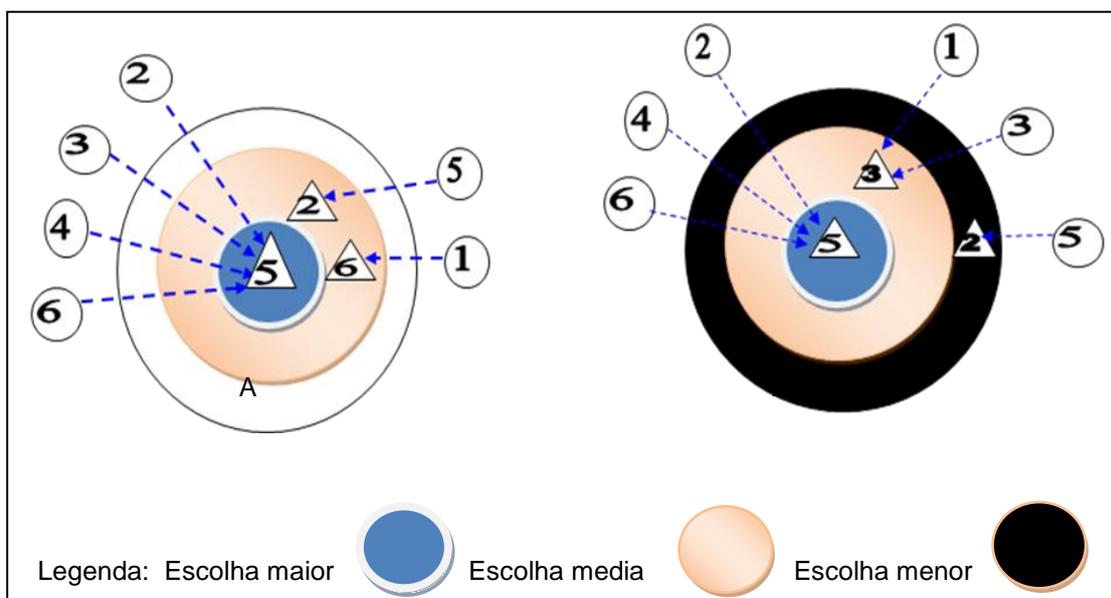


Figura 5 – Rejeição dos ouvintes em relação aos DA's no teste sociométrico no período pré jogos letra A e pós jogos letra B.

No figura 5 A, é mostrado que houve uma quantidade maior de votos ao jogador “5”, com quatro votos dos ouvintes rejeitam este DA como possível líder. Os jogadores 2 e 6 receberam um voto como rejeição, respectivamente. Conforme a segunda pergunta do questionário sociométrico, no que se refere à rejeição do possível líder, ou seja, quem do grupo DA's não serviria como líder, foram encontradas as seguintes respostas: “não tem biotipo de atleta”, “parece ser inexperiente”, “baixa estatura”, “não transmite confiança”.

Diante da figura 5 B do mesmo quadro, observe-se a rejeição maior do DA 5, tendo maior votação na rejeição como líder demonstrando igualdade de escolha ao mesmo jogador referente ao primeiro teste realizado, dessa vez alcançando 50% de rejeição para possível líder. O DA 3 ficou com 2 votos de rejeição e o DA 2 totalizando 1 dos votos referentes a rejeição como possível líder.

Analisando os resultados apresentados na figura 5, a total escolha quanto a rejeição geral, destacando-se o DA 5 com maior número de votos de rejeição referentes aos atletas 2 e 3. Conforme os encontros eram realizados, foi possível notar um entrosamento maior, possibilitando assim a alteração do jogador a ser

rejeitado de acordo com os dados acima. A sociometria nos dá uma condição de identificar-mos as alterações produzidas na estrutura social de um grupo. O teste sociométrico, uma das suas técnicas, é um instrumento que estuda as estruturas sociais em função das escolhas e rejeições manifestadas em um grupo⁽⁵¹⁾.

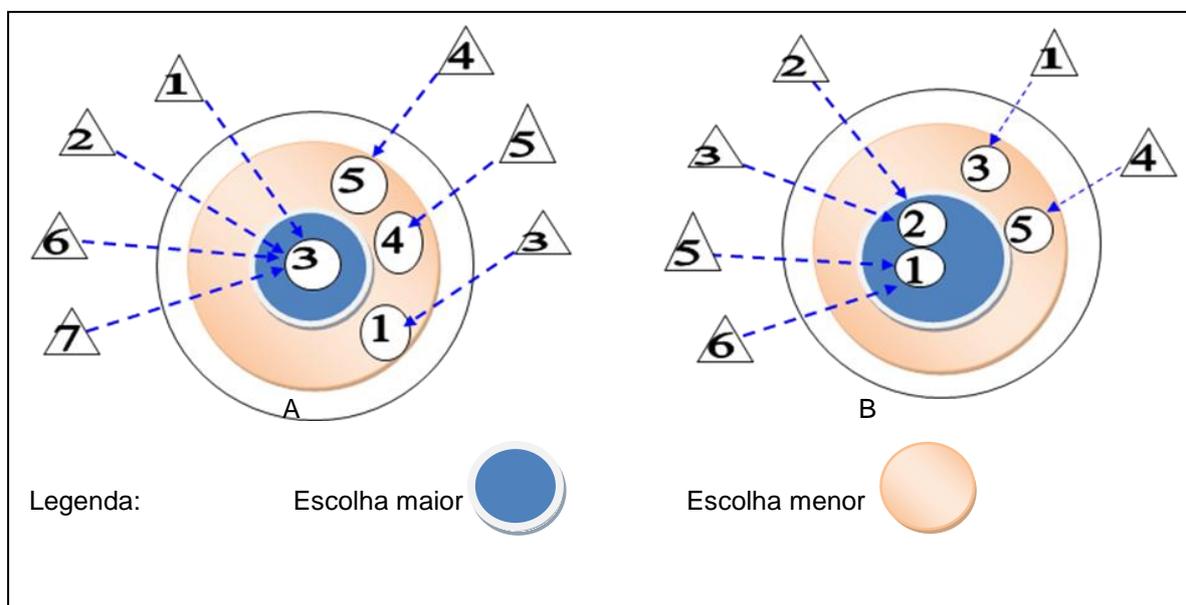


Figura 6 – Rejeição dos DA's em relação aos ouvintes no teste sociométrico no período pré jogos letra A e pós jogos letra B

No figura 6 A, é mostrado que na rejeição para os DA's em relação aos ouvintes, o jogador "3" obteve uma maior votação com 4 votos. As respostas encontradas foram às seguintes: "não seria bom", "não tem boa aparência", "não gostei dele", "não o conheço", "não deve jogar bem". Os jogadores 1, 4 e 5 receberam um voto, respectivamente.

Em se tratando de um primeiro encontro, as respostas mostram que devido a falta de conhecimento entre ouvintes e DA's, houve um julgamento mais pela aparência do que pela técnica. Mesmo em se tratando de tal julgamento houve uma reciprocidade na escolha de rejeição entre os atletas 4 (ouvinte) e 5 (DA).

Houve um equilíbrio na rejeição aos ouvintes 1 e 2, conforme mostra na figura 6 B que ambos receberam a maior votação de rejeição com 33,% para cada um. Em relação ao primeiro encontro, houve uma mudança na escolha para rejeição em que o jogador 3, no primeiro encontro, alcançou a marca de 66,% dos votos. De acordo com o segundo teste aplicado, o mesmo jogador ficou com 16,% dos votos

para rejeição. Mostrando assim uma alteração referente ao jogador rejeitado para ser o possível líder entre os ouvintes.

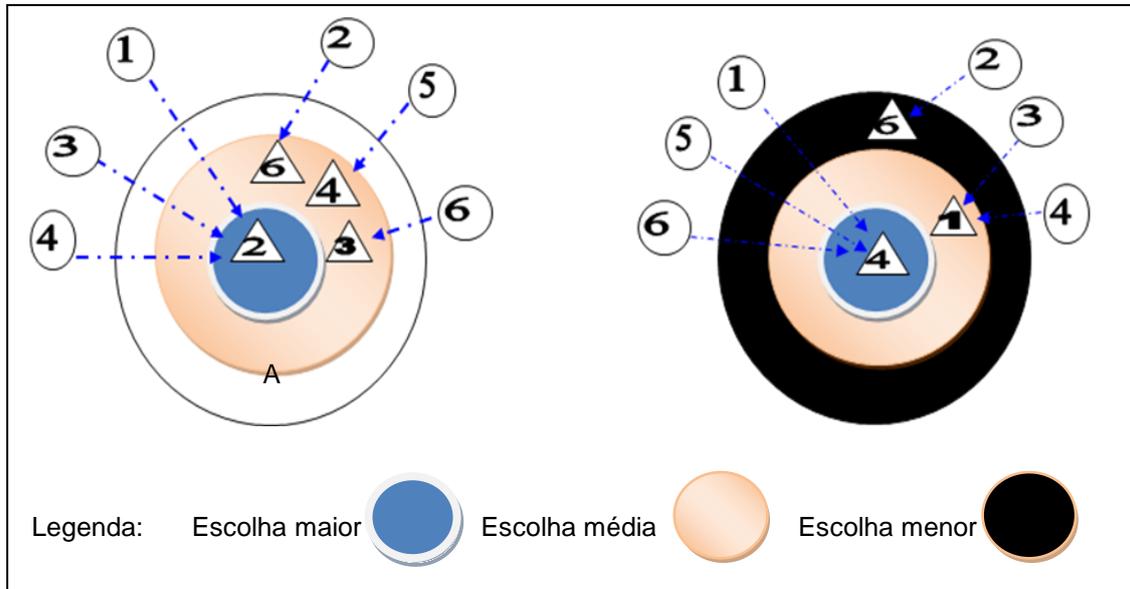


Figura 7 - Escolha indiferente para os ouvintes em relação aos DAs no teste sociométrico no período pré jogos letra A e pós jogos letra B.

Na figura 7 A, é mostrado o resultado de escolha para o DA 2 com 50% dos votos, sendo este indiferente para ser o possível líder. Os jogadores 3, 4 e 6 receberam um voto, respectivamente, em se tratando de indiferente ao possível líder.

Em relação ao primeiro teste realizado para saber qual o jogador que apresentava indiferença para os ouvintes, quando foi dividido entre 3 jogadores, ficando com 28,57% das escolhas para os ouvintes. De acordo com figura 7 B, no segundo teste sociométrico em relação à indiferença de escolhas, o DA 4 recebeu a maior votação com 3 votos, totalizando 50% das escolhas dos ouvintes. O jogador 1 ficou com 33,% e o jogador 6 com 16,%. Podemos perceber que não houve uma unanimidade de votos, mas o grupo mostrou-se definido quanto à escolha.

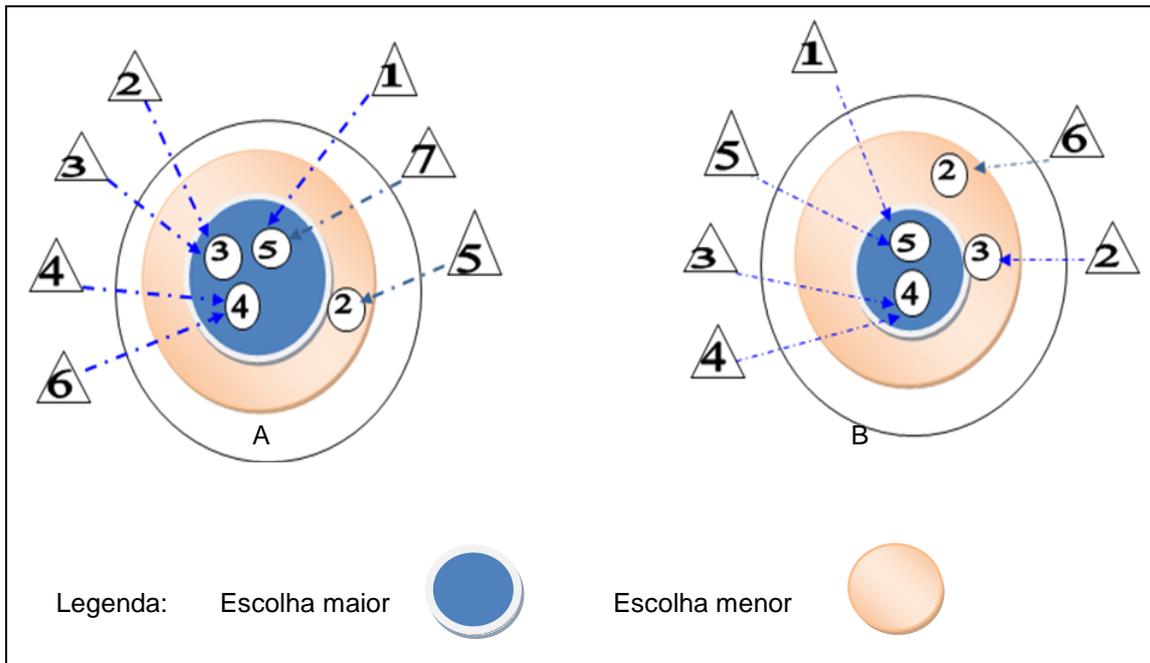


Figura 8 - Escolha indiferente para os DAs em relação aos ouvintes no teste sociométrico no período pré jogos letra A e pós jogos letra B.

Na figura 8 A, é mostrado o resultado de escolha para os DAs de 2 votos para os atletas 3, 4 e 5. O atleta 2 ficou com 1 voto.

Considerando que se trata do primeiro encontro, o sociograma mostra que existe uma rede sociométrica complexa de escolhas múltiplas. Quando mais mutualidades, isto é, escolhas télicas, maior será coesão do grupo. Este tipo de escolha só ocorre quando há uma coincidência de escolhas. Ou seja, quando uma pessoa escolhe quem ela sabe que a escolherá, o que significa que há um conhecimento recíproco⁽⁵⁷⁾.

Pode-se considerar que a reciprocidade no primeiro encontro entre uma escolha acontece por mera coincidência. Após as intervenções há uma redução nas eleições negativas. Isso acontece com atletas que antes eram descartados nas escolhas para ser líder, com os encontros as chances aumentam. De acordo com o mesmo autor, esses aspectos são reforçados quando se verifica a adaptação da coletividade⁽⁴⁴⁾.

As escolhas podem ser mútuas, recíprocas, ou sem reciprocidade. O conjunto de escolhas cria um mapa de grupo que traduz as redes sociométricas, a composição de subgrupos e a existência de participantes não escolhidos (isolados).

Quanto maior o número de estruturas isoladas, menor será o padrão de integração⁽⁴⁶⁾. Segundo Silva e Ferreira (2004), as relações interpessoais desenvolvem-se em decorrência da interação entre as pessoas⁽⁴⁸⁾.

Como percebemos através dos primeiros resultados e da literatura apresentada, em se tratando de um primeiro encontro, grande parte dos pesquisados não demonstraram através de suas escolhas qualquer tipo de segurança pelo fato de ainda os grupos não se conhecerem. Independentemente de ser surdo ou ouvinte, não houve uma definição quanto a escolha do líder.

Foram feitas as intervenções para a formação dos grupos no procedimento do campeonato. Os atletas DA e ouvinte que obtiveram um maior número de votos no primeiro teste sociométrico, representaram suas equipes.

Conforme a votação na figura 8 B, os ouvintes 4 e 5 receberam o mesmo número de votação com 2 votos em um total de 33,% para cada um, no índice de rejeição como líder. Os atletas ouvintes 2 e 3 receberam um voto, respectivamente.

6.2 Análise de desempenho pela frequência de passes

Em seguida, destacam-se as tabelas de passes dos integrantes das atividades, destacando-se a análise grupal para verificar o índice de entrosamento nos jogos.

Denomina-se passe a movimentação de bola entre os companheiros da mesma equipe, para que o grupo mantenha o maior tempo de posse de bola, envolvendo o adversário⁽⁵⁸⁾.

Tabela 3 - Número de passes durante o primeiro jogo

INDIVÍDUOS	N.º de passes 1º tempo	N.º de passes 2º tempo	Total Geral	Total %
DA p/ Ouvinte	21	24	45	38%
Ouvinte p/ DA	16	18	34	29%
Ouvinte / Ouvinte	21	10	22	19%
DA / DA	09	08	17	14%
TOTAL	58	60	118	100%

Ao analisar a tabela 3, com equipes de linha formada com 2 (dois) DAs e 2 (dois) ouvintes, percebe-se que o desempenho do DA no número de passes para o

Ouvinte é o melhor, destacando-se com 45 passes realizados na atividade. DA para DA resultou em 17 passes. Este resultado não mostrou diferença significativa com $P > 0,05$.

Tabela 4 - Número de passes durante o segundo jogo

INDIVÍDUOS	N.º de passes 1º tempo	N.º de passes 2º tempo	Total Geral	Total %
DA p/ Ouvinte	25	31	56	35%
Ouvinte p/ DA	24	28	52	33%
Ouvinte / Ouvinte	15	14	29	18%
DA / DA	12	10	22	14%
TOTAL	76	83	159	100%

Ao analisar a tabela 4, observa-se o predomínio do desempenho do DA para o Ouvinte com 56 passes realizados na atividade e, próximo a este número na atividade realizada, foi o desempenho do ouvinte para DA, com 52 passes. E, novamente, nota-se que pouca interação houve entre DAs com apenas 22 passes realizados entre si. No entanto, percebe-se nesta atividade que o número de passes foi maior do que a 1ª atividade realizada com 159 passes a 118 anteriormente.

Tabela 5 - Número de passes durante o terceiro jogo

INDIVÍDUOS	N.º de passes 1º tempo	N.º de passes 2º tempo	Total Geral	Total %
DA p/ Ouvinte	28	32	60	33%
Ouvinte p/ DA	26	36	62	35%
Ouvinte / Ouvinte	15	18	33	18%
DA / DA	12	13	25	14%
TOTAL	81	99	180	100%

P=0,066

Observa-se na tabela 5, o desempenho do ouvinte para o DA com 62 passes realizados. Em seguida, ficou o desempenho do DA para o Ouvinte com número de 60 passes. Em relação, o número de passe do DA para DA com 25 e 33 de Ouvinte para Ouvinte. Os dados não demonstraram significantes, resultando em $P= 0,066$.

No quarto encontro, as equipes foram formadas de acordo com a escolha dos líderes escolhidos através do questionário sociométrico. Dessa forma, foram formadas com 1 (um) DA e 3 (três) ouvintes, 3 (três) DAs e 1 (um) ouvinte.

Tabela 6 - Número de passes durante o quarto jogo

INDIVÍDUOS	N.º de passes 1º tempo	N.º de passes 2º tempo	Total Geral	Total %
DA p/ Ouvinte	33	35	68	27%
Ouvinte p/ DA	30	20	50	20%
Ouvinte / Ouvinte	48	49	97	38%
DA / DA	18	21	39	15%
TOTAL	129	125	254	100%

No grupo onde havia apenas um surdo, proporcionalmente este recebeu mais passes que os surdos do outro time. Ainda assim, as trocas de passes entre surdos e ouvintes se apresentaram tão frequentes quanto entre ouvintes ou entre surdos.

A tabela 6 mostra a predominância do desempenho do número de passes do ouvinte para o ouvinte com 97. Em sequência, destacou-se o desempenho do DA para o ouvinte com 68 passes. E nos demais dados, o desempenho do ouvinte para DA foi de 50 passes e DA para DA com 39 passes realizados, E no total de passes realizados foi de 254, melhorando os números das tabelas anteriores.

Para avaliar se houve diferença significativa entre os grupos e os encontros, foram utilizadas técnicas de Análise de variância (ANOVA), considerando um delineamento em blocos casualizados, onde os tratamentos foram os grupos e os blocos foram os encontros. Observou-se que não houve diferença significativa entre os grupos ($P = 0,0863$), e nem entre os encontros ($P = 0,0666$). Assim, o destaque foi que os passes foram menores no primeiro encontro com 118 passes, quando comparados aos do último encontro com 254 passes. Devido ao menor número de encontros realizados, os resultados não apresentaram diferença de dados significativos, porém, houve um maior número de passes registrados no último encontro. O passe sendo, o fundamento de ligação entre os participantes de uma equipe, confirma-se assim uma maior socialização entre os participantes.

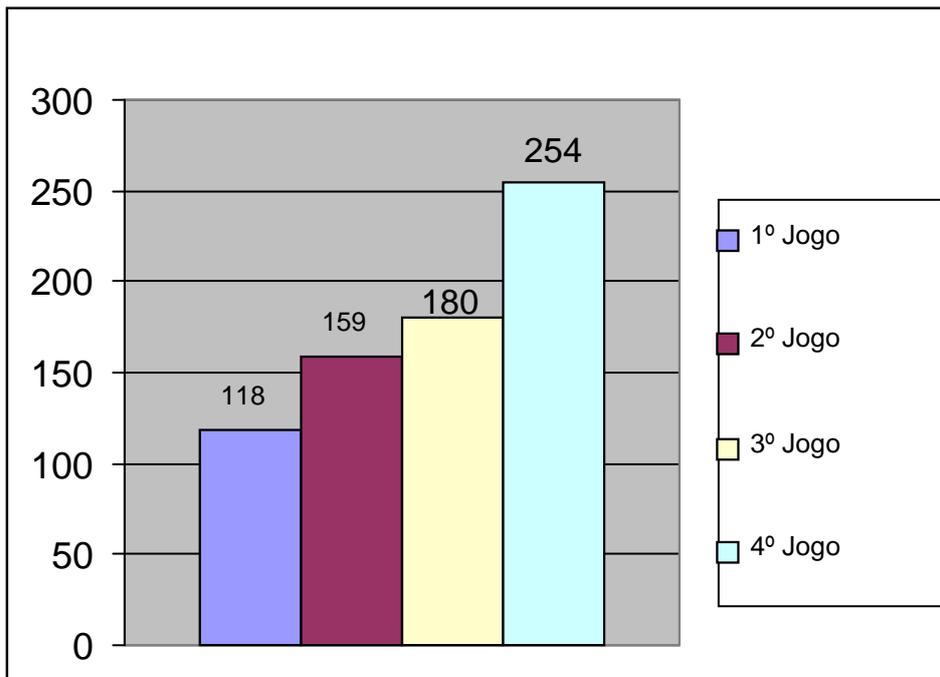


Figura 9 – Contagem geral de passes nos jogos

Na figura 9, é perceptível o aumento do número de passes a cada atividade realizada. Houve um aumento considerável na quantidade de passes entre o primeiro e o último encontro com uma diferença de 136 passes.

O futsal é uma modalidade esportiva dinâmica e coletiva. Dinâmica no que se refere as movimentações na quadra entre os jogadores na troca de posições, deslocamentos ofensivos e defensivos. Coletiva no sentido em que a prática da coletividade se torna um instrumento indispensável para os praticantes. O fundamento do passe é primordial para que essa coletividade sobressaia contra o time adversário. Ao avaliar que houve um aumento da frequência de passes com de 115% de aproveitamento entre o primeiro e o último encontro, considera-se uma maior integração entre os indivíduos ouvintes e DAs.

7 CONCLUSÃO

Segundo os resultados mostram que as atividades desportivas coletivas são de muita relevância no âmbito social, devido à necessidade do ser humano conviver em grupo.

A realização das atividades comunicativas para escolher o líder do grupo, foi divergente, porque os integrantes escolheram os líderes mesmo não sendo, necessariamente, os melhores jogadores e também não havendo, assim, uma unanimidade quanto à escolha do líder;

Em relação à realização dos quatro jogos, percebeu-se que os resultados, na interação maior, através do segundo teste sociométrico entre os integrantes de cada grupo, proporcionando uma maior socialização através da quantidade superior de passes em que cada participante interagiu entre si na atividade.

Notou-se o desenvolvimento gradativo dos integrantes aumentando o número de passes, 118 passes no primeiro encontro e no último com 254. A diferença de percentual entre o primeiro e último encontro foi bastante significativa com 115% de aumento do número de passes;

Devido ao menor número de encontros realizados, os resultados não apresentaram diferença de dados significativos. Para calcular o aproveitamento do número de passes durante as partidas, foi utilizada a ANOVA a um nível de significação de $P < 0,05$, foi alcançado o resultado de $P = 0,066$.

Conclui-se que após a avaliação de desempenho dos DAs e ouvintes nas atividades realizadas, ficou comprovada a importância da atividade desportiva, nesse caso representada pelo futsal, e, sobretudo, a participação na socialização, dando mais qualidade e motivação de vida aos integrantes do grupo.

O esporte é um campo aberto para a exploração de novas pesquisas, ou seja, permite que sejam explorados pela ação dos praticantes envolvidos em diferentes situações, socializando e aproximando pessoas de diferentes níveis ou situações para que juntos possam participar de um mesmo grupo.

REFERÊNCIAS

1. Fonseca, H.; Santos V.; Ferreira, A. A audição. Constituição do sistema auditivo humano. 2002. Disponível em http://telecom.inescn.pt/research/audio/cienciaviva/constituicao_audicao.html . Acesso em: 28 de abril de 2010.
2. Guyton, A. C.; Hall, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
3. Mirol, V. A. Fisiologia da audição: revisão e considerações. Artigo publicado nos anais do SeMEA-2002 UFMG. Disponível em: <<http://www.clubedoaudio.com.br>>. Acesso em: 2 set. 2007.
4. Silva L. M. G. et al. Comunicação Não-Verbal: Reflexões Acerca da Linguagem Corporal. Número 4. Ribeirão Preto. Agosto. 2000.
5. Costa, M. P. O deficiente Auditivo. Universidade Federal de São Carlos. EDUFSCAR. Editora da Universidade. São Carlos. SP. 1998.
6. Gerstman, C ; Karmody F. F. A educação do deficiente auditivo: um modelo metodológico. Em Anais XVI Reunião Anual de Psicologia, pp.120-123). Sociedade Brasileira de Psicologia (Org),Ribeirão Preto: SPRP. 2000.
7. Oliveira, P.; Castro, F.; Ribeiro, A. Surdez infantil. Rev. Bras. Otorrinolaringol. São Paulo, v.68 n.3, maio 2002.
8. Sacks, O. Vendo vozes. Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
9. Plácido, E. G. R. Uma reflexão sobre a influência das novas Tecnologias na educação e integração social dos Surdos. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
10. Fernandes, E. Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

11. Silva, N. M. S. Avaliação da audição. SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em: http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=24&id_detalhe=325&tipo_detalhe=s. Acesso em: 11.05.2010.
12. Diehl, R. M. Jogando com as diferenças: Jogos para crianças e jovens com deficiência. São Paulo: Phorte, 2006.
13. Bianchetti, L.; Freire, I. M. Um Olhar sobre a Deficiência. Campinas: Papirus, 1998.
14. Guimarães, L. A. Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules. São Paulo: Robe, 2003.
15. Sasaki, R. K. Inclusão, Construindo uma Sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
16. Glat, R. A integração dos portadores de deficiência: uma reflexão. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
17. Mantoan, M. T. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Menanon, 2005.
18. Werneck, C. Ninguém vai ser bonzinho na Sociedade Inclusiva. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
19. Picchi, M. B. Parceiros da inclusão escolar. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
20. Ferreira, A. B. H. Miniaurélio século XXI: Minidicionário da Língua Portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: RJ: Nova Fronteira, 2000.
21. Ribas, C. Educação e Exclusão: Abordagens em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
22. Carmo, A. A. Deficiência Física: A sociedade Brasileira Cria, recupera e Discrimina. Brasília: Secretaria de Desporto/ PR, 1998.

23. Lima, F. J. Questão de Postura ou de Taxonomia? Uma proposta. Revista do Instituto Benjamin Constant. n° 15. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 1998.

24. Coll, C. Psicologia e Currículo. São Paulo: Ática, 1999.

25. Florentino, J.; Saldanha, R. P. Esporte, educação e inclusão social: reflexões sobre a prática pedagógica em Educação Física. Revista Digital - Buenos Aires – a.12, n. 112 - 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 24/09/2007.

26. Weinberg, R. S.; Gould, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed, 2001.

27. Tubino, M. Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 99-100. julho/dezembro, 2005.

28. Papalia, D. E.; Olds, S. W. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.

29. Juchem, L. Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis. 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre.

30. Gorgatti, M. G. Silva, R. F. da. Atividade física adaptada. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri, SP: Manole, 2005.

31. Fausto, R. F.; Tavares, C. R. C.; Silva, R. F. O desporto adaptado no processo de inclusão da pessoa em condição de deficiência física: o caso do basquetebol sobre rodas. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 139 - Dezenbro de 2009. <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 20.03.2010.

32. Freitas, P. S; Cidade, R. E. A. Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência – uma abordagem para professores de 1º e 2º graus. Uberlândia – BH: Breda, 1997.

33. Duarte, E.; Lima, S. M. T. Atividade física para pessoas com necessidades especiais. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

34. Gagliardi, C. Ç.; Barrela, F. F. Uso da informática na educação do deficiente auditivo: um modelo metodológico. Em Anais da XVI Reunião Anual de Psicologia pp.120-123, Sociedade Brasileira de Psicologia (Org) Ribeirão Preto: SPRP, 1986.
35. Feliciano, D. A. A sociabilização do deficiente auditivo com o atleta de futsal ouvinte. Monografia apresentada a FESURV - Fundação do Ensino Superior de Rio Verde. Rio Verde. 2001.
36. Pereira, M. G. Epidemiologia. Teoria e Prática. São Paulo: Guanabara Koogan, 2002.
37. Bueno, P; Rosa, F. A.. Surdez Infantil. Revista. Brasileira Otorrinolaringol. v. 68, n. 3. São Paulo. maio 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acessado em 19/08/2007.
38. Ferreira, R. L. O Esporte e a Iniciação. 4.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
39. Marchesi, I. Educação física e esporte para pessoas deficientes nas Escolas de 1º e 2º graus. Vol.2 Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Vila Rica, 1996.
40. Teixeira, L.; Atividade Física para Deficientes Auditivos. 2009. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/2009/12/atividade-fisica-para-deficientes-auditivos/>. Acesso em: 20.03.2010.
41. Alves, D. J. O teste sociométrico: Sociogramas. Porto Alegre: GLOBO, 1974. p. 3-8.
42. Menegazzo, C. M.; Tomasini, M. A.; Zuretti, M. M. Dicionário de Psicodrama e Sociograma. São Paulo: Agora, 1995.
43. Lopes Júnior, A. S. SOCIOMETRIA. 2008. Disponível em: <http://ube-167.pop.com.br/verPagina.php?pid=64804>. Acesso em: 02.04.2010.
44. Galindo, A. G. Adequação da avaliação sociométrica na análise das relações entre atletas de futebol profissional: um estudo de caso. Revista Mineira de Educação Física. V. 10, N. 2. - p. 130-139, 2002.
45. Bustos, D. M. O teste sociométrico: fundamentos, técnica e aplicações. São Paulo: BRASILIENSE, 1979.

46. Marques, M. G., Seminotti, N., Cemin, M. R., Becker Jr, B., Lehnen, A. M. Estudo descritivo das relações interpessoais de um time de futebol de um clube de Porto Alegre. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital – Buenos Aires – ano 12- nº114 - Novembro de 2007.

47. Simões. A. C., Hata, M., Rubio, K. Santos, K. L. Dinâmica das relações grupais: análise sociométrica de uma equipe de handebol. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, v. 12, n. 2, p. 115-25, jul./dez. 1998.

48. Silva, L. H.; Ferreira, J. P. Um estudo dos alunos do núcleo de preparação de oficiais da reserva, Cascavel-PR, a partir da sociometria Moreniana. 2004. Disponível em: www.psicopedagogiaonline.com.br . Portal da educação e saúde mental. Acesso em: 01.04.2010

49. Quarto, C. C., Labidi, S., Jaques, P. A., Schivitz, I. M. M. Considerando o fator sócio-afetivo afinidade social em ambientes de ensino-aprendizagem colaborativos assistidos por computador. Disponível em: <http://gravatai.ulbra.tche.br/interatividades/interatividades/l>. Acesso em: 02.03.2010.

50. Lima, S. M. T., Duarte, E. D., Silva, J. L. A formação e os procedimentos de ensino utilizados pelos professores do curso de Educação Física mediante a inclusão de alunos com deficiência física. Efdeportes. Revista digital – Bueno Aires – Ano 10 – nº 71 – Abril de 2004.

51. Basso, A.; Musnster, M. A. A avaliação das relações interpessoais em atletas com deficiência física: A sociometria como parâmetro. Anais de eventos da UFSCar, v.5, p. 360, 2009.

52. Gonçalves, C. S.; Wolff, J. R.; Almeida, W. C. Introdução ao Pensamento de J.L.Moreno. Lições de Psicodrama. Ed. Agora, 1988. Disponível em <http://www.febrap.org.br/psicodrama/ilm.php>. Acesso em 22/05/2007.

53. Monteiro, R. F. (org). Técnicas Fundamentais do Psicodrama. 2 ed. São Paulo: Agora, 1998.

54. Moreno, J. L. Fundamentos de La sociometria. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.

55. Marques, P. Sociometria. Psicologia! Clínica, Educacional, de Formação. Um ponto de partida. 2000. Disponível em:

<http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Sociometria.htm>. Acesso em 30 de março de 2010.

56. Moscovici, F. Desenvolvimento interpessoal. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

57. Moreno, J. L. Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Campinas: Livro Pleno, 1999.

58. Honorato, F. Importância do passe no futebol: uma abordagem pedagógica. Monografias (trabalhos de conclusão de curso) 29 p. -Graduação, 2003.

ANEXOS

ANEXO I - COMPROVANTE DE REGISTRO DO PROJETO

**UNIVERSIDADE DE RIO VERDE**

CREDENCIADA PELO DECRETO Nº 5.971 DE 02 DE JULHO DE 2004

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PRPGPFazenda Fontes do Saber
Campus Universitário
Rio Verde - GoiásCx. Postal 104 - CEP 75901-970
CNPJ 01.815.216/0001-78
I.E. 10.210.819-6Fone: (64) 620-2334
e-mail: prpgp@fesurv.br
www.fesurv.br**CÓPIA****COMPROVANTE DE REGISTRO DE PROJETO JUNTO A PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

O projeto com Título **“Avaliação da prática esportiva como fator de sociabilização com deficientes auditivos, à partir do teste sociométrico de Jacob Levy Moreno”**, coordenado por **Ramon Alonso Fabian Lopes**, com aluno (s) envolvido (s) **Daniel Alves Feliciano**, encontra-se cadastrado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa sob o Nº **4.09.07.001**.

Rio Verde, 27 de fevereiro de 2007.

Renato Cardoso dos Santos
Secretário da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

ANEXO II - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



UNIVERSIDADE DE RIO VERDE

CRENCIADA PELO DECRETO Nº 5.971 DE 02 DE JULHO DE 2004

Fazenda Fontes do Saber
Campus Universitário
Rio Verde - Goiás

Cx. Postal 104 - CEP 75901-970
CNPJ 01.815.216/0001-78
I.E. 10.210.819-6 / I.M. 021.407

Fone (64) 3620-2200
e-mail fesurv@fesurv.br
www.fesurv.br

UNIVERSIDADE DE RIO VERDE - FESURV

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FESURV

Avenida Presidente Vargas, nº 2342, Jardim Goiás, Rio Verde – GO / CEP 75.903.290.

PARECER Nº 029/2007

Título do Projeto de Pesquisa: “Avaliação da prática esportiva como fator de sociabilização com deficiente auditivos, à partir do teste sociométrico de Jacob Levy Moreno”.

Registro no CEP/FESURV nº: 003/2007

Nome do pesquisador responsável: Daniel Alves Feliciano

Instituição responsável: Universidade de Rio Verde-FESURV

Grupo III / Ciências da Saúde /Educação Física

Ao proceder a análise do projeto de pesquisa em questão, em resposta ao parecer CEP/FESURV nº: 023/2007, cabem as seguintes considerações:

As solicitações foram acatadas, e, diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Rio Verde - CEP/FESURV, de acordo com as atribuições definidas na resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Rio Verde – GO, 03 de abril de 2007.


Mônica Teresa Ruocco Alcauza
Coordenadora – CEP/FESURV

ANEXO III - AUTORIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE RIO VERDE



ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE RIO VERDE

Fundada em 28/03/93

CGC 73583346/0001-33

Registro no 1º Cart. De Reg. Das Pessoas Jurídicas no dia 20.10.93

Filiada à Federação Goiana de Desportes dos Surdos

Utilidade Pública Municipal - Lei Nº 3.010/93.

Utilidade Pública Estadual - Lei Nº 16.934/94.

AUTORIZAÇÃO

A **Associação dos Surdos de Rio Verde**, pessoa jurídica com sede e foro nesta Comarca de Rio Verde – GO, na Rua Avelino Faria nº 831 – Vila Olinda, regularmente inscrita no CNPJ sob o nº 73.583.346/0001-33, neste ato legalmente representada por seu vice-presidente, o Sr. **Fernando Max Vieira Martins**, brasileiro, solteiro, educador físico, residente e domiciliado nesta cidade de Rio Verde – GO, autorizo aos pesquisadores Daniel Alves Feliciano e Ramón Fabian Alonso Lopez a realizar a pesquisa com o título: “Avaliação da Prática Esportiva Como Fator de Sociabilização com Deficientes Auditivos à partir do teste sociométrico de Jacob Levy Moreno”. Objetivo: Avaliar as alternativas através do esporte como forma de socialização e integração entre um grupo de pessoas que apresentam deficiência auditiva com um grupo de pessoas ouvintes ao longo de um campeonato de futsal no qual os times serão mistos (ouvintes e não ouvintes).

Para tanto terão acesso aos dados pessoas para abordagem dos associados.

Rio Verde-GO., 28 de fevereiro de 2007.

Associação dos Surdos de Rio Verde

Fernando Max Vieira Martins

Vice-presidente

ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CÓPIA

Você está sendo convidado para participar como voluntário, em uma pesquisa cujo tema é: “Avaliação do esporte como fator de socialização do deficiente auditivo, à partir do teste sociométrico de Jacob Levy Moreno”. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, colocando o número do seu RG e CPF, este documento está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa não será de forma nenhuma penalizado.

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo geral deste estudo é avaliar as alternativas através do esporte como forma de socialização e integração entre um grupo de pessoas que apresentam deficiência auditiva com um grupo de pessoas ouvintes ao longo de um campeonato de futsal no qual os times serão mistos (ouvintes e não ouvintes).

PROCEDIMENTOS: após terem lido este termo e terem todas suas dúvidas esclarecidas, o que consentirem em participar, será aplicado um teste sociométrico e submetidos no período de 1 (um) mês, a um campeonato de futsal, com acompanhamento de 1 (um) professor de Educação Física – pesquisador principal.

Este estudo não irá coletar nenhum tipo de exame, pois nossos dados serão obtidos por meio de questionário sociométrico e scout. Este questionário será realizado no primeiro e no último encontro entre os grupos da pesquisa. O scalt é um analisador estatístico quanto ao número de passes realizados entre os grupos durante a pesquisa.

FORMAÇÃO DOS GRUPOS: As pessoas que aceitarem participar serão divididas em dois grupos, sendo um grupo de ouvintes e não ouvintes. Após a divisão dos grupos, será aplicado o teste (questionário) sociométrico.

Após 1 (um) mês de atividades, os dois grupos serão submetidos novamente ao questionário sociométrico.

DESCONFORTOS: Em caso de dúvidas deve procurar o CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da FESURV- Universidade de Rio Verde, no endereço: Av. Pres. Vargas, nº 2342, 1º andar. Bairro Jardim Goiás. Rio Verde-GO.

BENEFÍCIOS: Socialização, integração e comunicação com a população ouvinte.

ANEXO V - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



EU _____
 CPF _____ RG _____

declaro estar de acordo em participar deste estudo, declaro ainda ter tido todas as informações necessárias e oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas durante todo o estudo.

Recebi a informação de que se eu optar em **não participar** não terei nenhum prejuízo em meu tratamento. Minha privacidade e identidade serão preservadas. E posso desistir a qualquer momento se me sentir prejudicado. Declaro ainda estar ciente, que eventuais danos sejam físicos, psíquicos, etc, sofridos durante a realização das atividades, objeto de estudo da pesquisa acima mencionada, não receberei em nenhuma hipótese qualquer tipo indenização. Estou ciente também que não terei nenhum tipo de ressarcimento pela despesa que posso ter decorrentes de minha participação na pesquisa.

Endereço _____

Nome: _____

Telefone: _____

Assinatura: _____

Em caso dúvida ou pergunta a respeito da pesquisa, por favor, contate:

Pesquisador responsável: **DANIEL ALVES FELICIANO**
 e-mail: daniel.alves2@hotmail.com
 fone: (64) 3622-3008 – (64) 9282 2571.
 Rua 05 Q.08 Lt.01, Morada do Sol. Rio Verde-GO.

Orientador: **RAMON FABIAN ALONSO LOPEZ**
 e-mail: arf200153@uol.com.br
 fone: (61) 3272-7893

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / FESURV
 Avenida Presidente Vargas, 1º. andar, nº.2342. Bairro Jardim Goiás. Rio Verde-GO.
 Tel. 3620-2361.

ANEXO VI - QUESTIONÁRIO SOCIOMÉTRICO.

Baseado no modelo do teste sociométrico de Jacob Levy Moreno

Fonte: SILVA, S. L. H., FERREIRA, J. P. Um estudo dos alunos do núcleo de preparação de oficiais da reserva, Cascavel- PR, a partir da sociometria Moreniana. Disponível em: www.psicopedagogiaonline.com.br. Acesso em 22 de outubro de 2006.

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Data do teste: ____/____/____. Idade: _____

Indivíduo: () Deficiente auditivo (surdo) () Ouvinte

QUESTIONÁRIO

1. Quem você escolhe **para ser** Líder da equipe? Porquê?
2. Quem você não escolhe para **não ser** o líder da equipe? Porquê?
3. Quem do grupo é **indiferente** para ser líder da equipe?

